



**A CERTEZA DA INCERTEZA: PERCURSOS E PROJETOS DE JOVENS
MARCADOS PELO INSUCESSO E ABANDONO ESCOLARES**

Dissertação apresentada ao Instituto Universitário de Lisboa para
obtenção do grau de Mestre em Educação e Sociedade

Cláudia Sofia de Sousa Correia

Lisboa, 30 de Junho de 2016



**A CERTEZA DA INCERTEZA: PERCURSOS E PROJETOS DE
JOVENS MARCADOS PELO INSUCESSO E ABANDONO ESCOLARES**

Dissertação apresentada ao Instituto Universitário de Lisboa para
obtenção do grau de Mestre em Educação e Sociedade

Por

Cláudia Sofia de Sousa Correia

sob a orientação da Professora Doutora Teresa Seabra

Professora auxiliar

Lisboa, 30 de Junho de 2016

RESUMO

A crise do mercado de emprego juvenil reforçou a importância da escolaridade ao dificultar os percursos juvenis exteriores à escola, de entrada prematura e desqualificada no mercado de trabalho. Cada vez mais jovens percorrem o caminho escolar e académico, adiando a entrada no mercado de trabalho, mas muitos outros ingressam rapidamente na vida profissional, como é o caso deste grupo de jovens que, após ter concluído o 6.º e 9.º ano de escolaridade, decidiu pôr fim à sua relação com o sistema educativo, iniciando uma nova fase das suas vidas que alia a vontade de trabalhar, de ganhar dinheiro e de conquistar autonomia.

A investigação procurou conhecer os percursos e os projetos de vida destes jovens, nomeadamente, a nível escolar e profissional. Os dados foram recolhidos através da recolha de dados em fontes diversificadas, que inclui uma entrevista semiestruturada a quinze jovens, com idades compreendidas entre os 23 e os 27 anos, naturais do concelho de Tarouca, cujo nível de escolaridade completo se encontra maioritariamente inserido no 3.º ciclo do ensino básico.

A análise das entrevistas possibilitou saber que, os percursos escolares e o nível de educação alcançado influenciaram os trajetos profissionais dos jovens na medida em que, as experiências de insucesso escolar experienciadas contribuíram para o seu afastamento do sistema de ensino e incentivou-os a procurar o primeiro emprego e querer atingir a sua independência financeira.

Palavras-chave: Insucesso escolar, abandono escolar, baixas qualificações, aspirações escolares e profissionais, desigualdades sociais.

ABSTRACT

The crisis of youth employment market reinforced the importance of education in hampering the juvenile paths outside school, like early and disqualified entry in the labor market. Increasingly young people go through school and academic courses, postponing the entry into the labor market, but many others quickly join in working life, such as this group of young people who after having completed grade 6 and 9, decided to end its relationship with the education system, initiating a new phase of their lives that unites the will to work, earn money and gain autonomy.

The research tried to know the courses and projects of life of these young people, namely, at school and professional level. The data were collected through a data collection in diversified sources, which includes a semi-structured interview to fifteen young people between the ages of 23 and 27 years old, all natural from the municipality of Tarouca, whose complete scholarship level is inserted, namely, in the lower secondary education.

The analysis of the interviews made possible to know that, the school courses and the education level achieved influenced the youth's career paths, insofar as the experiences of school failure experienced contributed to their withdrawal from the education system and motivated them to seek for the first job and to achieve their financial independence.

Keywords: school failure, school dropout, low-skilled, educational and professional aspirations, social inequalities.

AGRADECIMENTOS

Chegado ao fim do Mestrado em Educação e Sociedade, marcado com este estudo de índole científica, foram diversas as pessoas que contribuíram, de alguma forma, para que fosse possível a sua concretização.

Expresso o meu sincero agradecimento à Professora Doutora Teresa Seabra, sublinhando a sua orientação dedicada e constante, durante a qual, em numerosas ocasiões, me permitiu, com o seu aconselhamento, melhorar a qualidade e o rigor científico deste trabalho;

Agradeço aos meus pais a dedicação de uma vida, o apoio, a confiança, o carinho e a força que sempre me transmitiram. Agradeço-lhes também, as palavras de encorajamento que tanto me ajudaram a nunca desistir, bem como a noção que sempre me incutiram, de que somos os principais intervenientes na concretização dos nossos sonhos pelos quais devemos lutar fervorosamente;

Ao meu filho, que é o motor da minha vida, e que me dá força para eu continuar a aceitar novos desafios;

Ao Ricardo, pelo amor, carinho, apoio e compreensão demonstrados ao longo destes anos;

Às minhas amigas Andreia, Ângela e Cátia, pelos belíssimos momentos que passámos juntas, que se foram tornando cada vez mais ricos, pelo carinho e amizade e pela partilha e cumplicidade;

Finalmente, fica aqui também registado o meu profundo e sincero agradecimento a todo o Corpo Docente do ISCTE, que em muito contribuiu para a minha formação pessoal, científica e profissional.

ÍNDICE GERAL

RESUMO	ii
ABSTRACT	iii
AGRADECIMENTOS	iv
INTRODUÇÃO	1
1. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA E EMPÍRICA	3
1.1 Insucesso e abandono escolares	3
1.2 A transição dos jovens para a vida adulta	11
1.3 A Medida PIEF	14
1.4 O Curso de Educação e Formação	15
2. PERCURSO METODOLÓGICO	18
3. ESCOLA E TRABALHO: TRAJETOS E ASPIRAÇÕES DOS ALUNOS DO CURSO DE SERVIÇOS SOCIAIS	21
3.1 Condições sociais, trajectos e aspirações escolares.....	21
3.2 Trajetos e aspirações profissionais	29
CONCLUSÕES	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39
ANEXOS	43
Anexo I- Guião da Entrevista.....	44

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Diferentes momentos de recolha de informação	18
Quadro 2 – Situação do aluno na entrada do Curso de Serviços Sociais (Apoio a Idosos) (M1)	21
Quadro 3 - Situação do aluno na entrada do Curso de Serviços Sociais (Apoio a Crianças) (M1)	22
Quadro 4 - Trajetória escolar dos alunos do Curso de Serviços Sociais (Apoio a Idosos).....	25
Quadro 5 - Trajetória escolar dos alunos do Curso de Serviços Sociais (Apoio a Crianças)	26
Quadro 6 – Trajeto e aspirações profissionais dos alunos do Curso de Serviços Sociais (Apoio a Idosos)	33
Quadro 7 – Trajeto e aspirações profissionais dos alunos do Curso de Serviços Sociais (Apoio a Crianças).....	34

INTRODUÇÃO

Na década de 90, Portugal foi destacado pela comunidade internacional como um país com uma forte incidência de exploração de trabalho infantil, sobretudo na zona Norte do País. Após alguns estudos de caracterização e quantificação das situações de exploração do trabalho infantil, o governo português criou em 1998 o Programa para a Eliminação da Exploração do Trabalho Infantil – PEETI. Este programa propôs, entre outras medidas, uma de remediação para as crianças que trabalhavam precocemente: o Plano Integrado de Educação e Formação (PIEF) com a finalidade de as reintegrar num percurso educativo e formativo. Além desta medida de intervenção local, o PEETI tem vindo a apostar em medidas de prevenção e, nos últimos anos, em medidas de combate à exclusão social. Um dos problemas apontados na intervenção no Norte do país é a maior incidência de situações de exploração na agricultura e nos domicílios, domínios onde a intervenção institucional não tem possibilidade de atuar eficazmente e onde há uma aceitação tradicional do fenómeno como forma de entrada na vida adulta (Nascimento, 2008).

O presente estudo reveste-se de importância pela relevância do fenómeno do abandono escolar em Portugal e a sua influência na entrada dos jovens no mercado de trabalho com baixas qualificações escolares. Pretendendo aprofundar e enriquecer o conhecimento sobre esta realidade, é pertinente analisar em que medida as baixas qualificações influenciaram a situação profissional e os projetos de vida destes jovens.

Deste modo, foram selecionados os alunos que frequentaram as turmas do PIEF/CEF entre os anos letivos de 2005/2006 e 2007/2008, visando a sua reorientação para percursos alternativos de educação e formação, com a dupla certificação escolar e profissional (PEETI, 2008).

A pesquisa foi desenvolvida tendo por base a realização de entrevistas semiestruturadas a quinze destes jovens, com idades compreendidas entre os 23 e os 27 anos, naturais do concelho de Tarouca, cujo nível de escolaridade completo está maioritariamente inserido no 3.º ciclo do ensino básico. Pretendeu-se analisar os percursos e projetos de vida, nomeadamente, a nível escolar e profissional.

Pretendemos conhecer os percursos escolares destes jovens, os processos de transição para a vida adulta, nomeadamente o que originou a saída da escola e a entrada no mercado de trabalho, as experiências profissionais, as expectativas em relação ao seu trabalho e as estratégias acionadas para o efeito.

Uma outra componente da pesquisa passou pela recolha e análise de bibliografia disponível sobre o sistema de ensino e a inserção dos jovens no mercado de trabalho, de modo a situar este estudo, tanto quanto possível na realidade portuguesa.

Nesta dissertação, os principais resultados são apresentados no ponto 3. Este é antecedido por dois pontos: no primeiro, desenvolve-se a problemática do insucesso e abandono escolares, a transição dos jovens para a vida adulta, a medida PIEF e os cursos CEF, para enquadrar o meu objecto de estudo e no segundo, faz-se a especificação dos procedimentos metodológicos da pesquisa.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA E EMPÍRICA

1.1 Insucesso e abandono escolares

Em Portugal passámos por um percurso, nem sempre linear, de aumento progressivo de obrigatoriedade escolar: começou por ser de quatro anos em 1836, em 1964 terá sido prolongada para seis anos e em 1986 para nove anos. As assimetrias regionais e as desigualdades sociais tanto no acesso à escola como no sucesso são notórias. Os fenómenos de insucesso e abandono são constantes e a população adulta apresenta um grau de escolarização muito baixo. Mas antes de nos debruçarmos sobre as duas problemáticas propriamente ditas, torna-se fundamental perceber e definir estes dois conceitos.

Entre várias definições do conceito de insucesso escolar selecionei Teresa Seabra (2008), que define o conceito enquanto objeto de análise científica, que decorre diretamente da pretensão das sociedades democráticas modernas proporcionarem o máximo possível de igualdade de oportunidades aos seus cidadãos.

Por outro lado, Macedo (1999), fala-nos do insucesso escolar como um tema que ao longo dos tempos tem suscitado o interesse de investigadores, sociólogos e pedagogos, quer pela taxa de repetências, quer pelo abandono que se tem verificado, tratando-se de um problema ainda comum na nossa sociedade.

Para alguns autores a razão apontada para o insucesso escolar é o contexto socioeconómico de inserção dos jovens como refere Fernandes (1999), torna-se difícil definir o conceito de insucesso escolar, pois tudo depende do meio de pertença dos alunos, dos conhecimentos que possuem quando chegam à escola e das práticas pedagógicas exercidas pelos professores. Teresa Seabra (1998) partilha da mesma opinião quando salienta que o insucesso escolar afeta, com especial incidência, os alunos que vivem em famílias do operariado ou que desenvolvem atividades ligadas à agricultura (assalariados ou por conta própria) e em famílias pouco escolarizadas e assume os valores mínimos junto dos alunos cujos pais têm um curso superior, nomeadamente os que são filhos de professores.

Peixoto (1999) vai mais longe na questão do insucesso escolar quando afirma que este ultrapassa a questão da reprovação, podendo haver insucesso, mesmo que um aluno seja aprovado, pois insucesso escolar significa também rendimento abaixo da possibilidade do estudante. A escola, de acordo com o autor não deve continuar a ser seletiva. A sua função deve passar por garantir um forte apoio a todos os alunos, sem excluir. O insucesso escolar é sinónimo de insucesso social.

Outros autores distinguem ainda insucesso de insucesso escolar quando afirmam que perante um número elevado de retenções, afirma-se existir insucesso escolar, mas quando um aluno é retido num determinado ano de escolaridade, porque não satisfaz os conteúdos programáticos e curriculares exigidos pela escola, isso por vezes não se traduz em insucesso escolar, porque esse mesmo aluno, certamente não conseguiu objetivos que antes não possuía e consolidou outros. Deste modo, para este aluno houve sucesso, mas o mesmo não se verificou para a escola (Fernandes, 1999).

É com a democratização do ensino que surge a noção de insucesso escolar. Investigações do tipo macrossociológico consideram os indicadores socioeconómicos e culturais como sendo os principais responsáveis do insucesso. Por outro lado, aspetos microssociológicos mostram que o insucesso atinge todas as categorias sociais, embora os jovens provenientes de famílias mais carenciadas sejam os mais afetados. O abandono, as reprovações sucessivas e a marginalização contribuem de forma significativa para o insucesso escolar (Palmeirão, 1999).

Como refere Fernandes (1999), insucesso escolar deve ser abordado em duas faces da sociedade, a que reside nos meios rurais e, portanto, longe de importantes veículos de cultura, e a que interage nos meios urbanos e que, desse modo, terá mais acesso aos recursos culturais. Quando os alunos provêm de meios e classes sociais tão diferentes com a sua chegada à escola, no 1.º Ciclo apercebe-se que uns atingem os objetivos pré-estabelecidos pela escola, enquanto outros apresentam dificuldades de aprendizagem.

As dificuldades escolares dos alunos surgem no quotidiano escolar por descontinuidade cultural, mas também pela tendencial homogeneização social das escolas e, em especial, das turmas (turmas de nível), pelos processos de orientação que decorrem no seu seio e pela atuação dos professores (Seabra, 2008). Segundo a autora, a igualdade de oportunidades seria idealmente conseguida se, aos diferentes níveis considerados, os resultados não aparecessem afetados pelas condições sociais dos alunos. Esta situação conduziria à eficácia máxima da escola enquanto bem social equitativo, uma vez que conseguiria dar a cada aluno, o necessário, de modo a que a diferenciação de resultados só pudesse ser imputável ao mérito individual. Ou seja, a desigualdade de resultados não deveria sancionar as propriedades sociais dos indivíduos.

Se os resultados escolares são claramente afetados pelas condições sociais dos alunos não podemos deixar de falar das desigualdades sociais reproduzidas pela escola. Um estudo desenvolvido por Rutter (1970)¹ confirma que influências anteriores e exteriores à escola são as mais decisivas no aparecimento das desigualdades sociais, na medida em que existe um ciclo repetitivo no qual os estudantes de classes sociais privilegiadas frequentam escolas particulares e perpetuam as suas qualidades; são atraídos bons professores e a motivação é mantida. Por outro lado, uma escola frequentada principalmente por crianças desfavorecidas terá de se esforçar muito mais para alcançar resultados similares. Contudo, o autor sugere que melhorias na qualidade do ensino, o clima social da escola e o trabalho escolar podem ajudar os alunos carenciados a melhorar os seus resultados.

Por outro lado, Sebastião (2007) salienta que na análise das desigualdades é necessário ter em consideração, não apenas a contribuição direta da escola na reprodução das hierarquias e desigualdades sociais, através da seleção dos seus alunos, mas também considerar a produção de atores sociais e os modos de reprodução do próprio sistema educativo.

Na opinião de Lopes (2002), o desenvolvimento e a aprendizagem são diferentes para cada jovem, não só no que se refere aos êxitos conseguidos, mas também à heterogeneidade das suas manifestações (diferentes capacidades, motivações, ritmos, estratégias, etc.). Cabe à escola tê-los em consideração e adaptar-se às particularidades de aprendizagem dos seus alunos. Segundo o autor as estratégias e os valores educativos mantidos pelas classes sociais baixas, não favorecem o desenvolvimento linguístico e pessoal exigido pela escola.

Segundo Fonseca (1999), as crianças desfavorecidas social, cultural e economicamente são também desfavorecidas, pedagogicamente, o que, evidentemente, é sobre todos os pontos de vista uma injustiça. O autor salienta que a escola, em vez de compensar esta discrepância social inaceitável, tende a legitimar todas estas diferenças através dos seus métodos pedagógicos e dos métodos seletivos e avaliativos. As percentagens das dificuldades de aprendizagem e do insucesso escolar, segundo o autor, atingem mais as crianças oriundas de meios socioeconómicos desfavorecidos, tais percentagens demonstram que as influências sociológicas se fazem sentir com graves consequências. A escola persiste na função de reprodução as desigualdades sociais.

O risco do insucesso escolar está, como refere o autor, intimamente ligado às variáveis das classes sociais. Quanto mais baixa é a origem socioeconómica da criança, maior é o risco de insucesso escolar.

¹Citado em Giddens (2000)

Na mesma linha de pensamento, Seabra (1998) diz-nos que a desigualdade de oportunidades associada ao sistema de ensino nacional é também patente na incidência seletiva do insucesso e abandono escolares. De um modo geral, pode concluir-se que, por um lado, persistem as situações de maior retenção ou abandono escolares, sobretudo, nas áreas rurais do interior do país e nas regiões autónomas, com especial incidência nos Açores e, por outro, assinalam-se os meios urbanos e os subúrbios urbano-industriais como áreas igualmente de risco educativo (Seabra, 1998).

Abrantes (2013) partilha da mesma opinião ao afirmar que é frequente haver alunos que sentem dificuldades em adaptar-se a um novo ciclo de ensino, em termos de conteúdos, linguagens, materiais, atividades e os seus resultados tendem a piorar, podendo levar a crises de autoestima, expressa por muitos alunos por “a escola não é para mim”. Os pais que apenas frequentaram o 1.º ciclo sentem-se incapazes de acompanhar o processo escolar dos seus filhos.

Palmeirão (1999) refere que, não obstante as muitas reformas educativas introduzidas nos últimos cem anos em Portugal, juntamente com uma certa evolução histórica, política e institucional dos modelos culturais, a escola não deixou ainda de ser um mero instrumento utilizado pelos estratos dominantes para garantir a reprodução da estratificação social. Embora a escola tenha vindo a ser acusada de contribuir para a exclusão social, persiste todavia a consciência de que é ela, com instituição, a chave para a (re)integração dos indivíduos na sociedade.

E porque os conceitos de insucesso e abandono “andam de mão dada” é importante conhecer a opinião de alguns autores sobre o abandono escolar.

O conceito de abandono escolar significa que um aluno deixa a escola sem concluir o grau de ensino frequentado. Relativamente às razões apontadas para que este fenómeno aconteça, Guerreiro e outros (2009) salientam que quem reprova em certos níveis de ensino tem fortes probabilidades de abandonar o sistema de ensino. Este facto demonstra também, segundo os autores, a incapacidade que a escola tem para inverter a questão do insucesso escolar. Quem sai da escola precocemente são os alunos que apresentaram até ao momento da saída, percursos de insucesso e retenção escolares. A vontade de estudar vai sendo cada vez menor e a subida para um nível seguinte de ensino cada vez mais distante. Na mesma linha de pensamento, Benavente e outros (1994) afirmam que os alunos que abandonam apresentam problemas com a escola e já foram abandonados por ela.

Por outro lado, Alves e outros (2011) têm uma opinião diferente acerca do abandono escolar e afirmam que geralmente este acontece de um livre arbítrio dos jovens, da vontade crescente de percorrer caminhos diferentes. Isto acontece numa fase de amadurecimento individual precoce que coincide com a necessidade de autonomia e independência financeira. Na maior parte dos casos estas motivações não se encontram separadas de um desinteresse pela escola, que conduz numa 1.^a fase ao insucesso e posteriormente ao abandono. Noutros casos, o abandono escolar precoce é uma consequência natural de um prolongado percurso de insucesso escolar. Este facto acontece com indivíduos cujo agregado familiar tem uma relação muito distante com a escola, que decorre de percursos escolares pouco qualificados e consequente quotidiano profissional pouco qualificado.

Portanto a compreensão do abandono escolar deve incluir variáveis como a origem social, os trajetos escolares, geralmente associados ao insucesso escolar e o próprio funcionamento de instituição escolar ao não informar os alunos de outras possibilidades formativas como a formação profissional.

Segundo Guerreiro e Abrantes (2007) com a modernidade, o acesso ao ensino básico passou a ser visto não apenas como um direito, mas também como uma obrigação. Deste modo, todos os jovens com idades compreendidas entre os seis e os quinze anos deviam frequentar a escola com o objetivo de adquirirem competências que lhe permitissem a integração nas sociedades contemporâneas, designadamente a entrada no mercado de trabalho. No entanto, em Portugal continuam a existir atrasos significativos nesta matéria. Problemas como o abandono da escola básica, ainda fazem parte do nosso quotidiano, nomeadamente no interior do país e este estudo é representativo deste fenómeno.

Portugal foi um dos países mais inovadores a legislar sobre a escolaridade obrigatória na Europa, mas a história do seu ensino ficou marcada pelo seu incumprimento (Martins, 2012).

Em Portugal "os níveis de competências de leitura, escrita e cálculo da população adulta portuguesa são muito baixos" (Benavente, Rosa, Costa e Ávila, 1996) comparativamente à maioria dos países da OCDE (OCDE Statistics Canada, 2000). Dos adultos portugueses em idade ativa, só 20% possuem mais do que o ensino básico, enquanto a média da União Europeia é da ordem dos 60%.

"A participação da população portuguesa em ações de formação é menos de metade da média da UE (Eurostat, 2001), " os níveis de escolaridade portugueses estão longe da média europeia, somente metade dos jovens entre 25-34 anos em Portugal tinha, em 2010, pelo menos o ensino secundário (relatório OCDE 2012).

Como podemos verificar, a taxa de abandono escolar precoce vai ter influência nos níveis de literacia em Portugal, uma vez que apenas 20% da população ativa possui mais do que o ensino básico, acabando por ter repercussões negativas no mercado de trabalho.

Se considerarmos o combate ao abandono escolar precoce um aspeto fulcral na promoção da inovação e do crescimento económico, fortemente dependentes do conhecimento e da existência de mão-de-obra qualificada e segundo um estudo realizado em 2004, por Sala-i-Martin, Doppelhofer e Miller acerca de fatores explicativos do crescimento económico em 88 países, promovido pela Comissão Europeia, o aumento das taxas de escolarização ao nível do ensino básico revelou-se como o fator que mais influenciou o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) per capita no período de 1960-1996 (Nevala e outros, 2011).

Contudo, também é verdade que no atual contexto surge um risco de aumento do abandono escolar precoce. Na presente situação de forte retração económica e de intenso aumento do desemprego, repetem-se situações de incapacidade de as famílias manterem as condições que permitem percursos de escolarização bem-sucedida dos seus membros e, a nível político, aumentam as pressões para reduzir os recursos imputados ao seu combate.

Segundo um relatório recente da OCDE (Lyche, 2010), se a prevenção do abandono escolar precoce é, efetivamente, dispendiosa, os benefícios superam claramente os custos, que se refletem em receitas fiscais suplementares e em poupanças nas áreas da saúde, criminalidade e Segurança Social

Em tempos não muito distantes, o abandono da escola não era considerado um problema, mas à medida que se foi valorizando as qualificações na mobilidade social e a sua melhoria na competitividade global do país, o problema social do abandono escolar foi evoluindo e ganhou o seu lugar na agenda internacional e política educativa nacional. Podemos considerar que este é um aspeto fundamental para a consecução dos objetivos de tornar a União Europeia a economia do conhecimento mais competitiva do mundo (discurso neoliberal) ou defender que sociedades mais escolarizadas são sociedades mais justas e que a escola é o instrumento-chave na promoção da igualdade de oportunidades (OCDE).

Tendo conhecimento do fenómeno do abandono escolar nos diferentes contextos de cada país, podemos constatar que Portugal em 2014 continuava com uma taxa de abandono escolar precoce muito elevada comparativamente com os restantes países da Europa. De modo, para tentarmos perceber os contornos desta percentagem tão elevada em Portugal, nada melhor que analisarmos os fatores que estão na origem do problema.

Segundo Lyche (2010) tem havido uma extensa pesquisa sobre os fatores que conduzem ao abandono escolar e a maioria dos autores refere que ele nunca é um fator isolado, mas antes uma combinação de fatores. Fatores individuais ou sociais são divididos em três partes: desempenho educacional, comportamentos e atitudes. Rumberger and Lim (2008) identificam a realização acadêmica como tendo um efeito sobre as probabilidades de abandono precoce escolar ou conclusão do ensino secundário. Isto é apoiado por estudos realizados nos países nórdicos e países baixos. A correlação entre o desempenho escolar e o abandono no secundário superior mostra-nos dois processos em curso: em primeiro lugar bons resultados escolares são uma medida de competências sólidas e alunos com bons resultados escolares estão melhor preparados para o ensino secundário. Em segundo lugar, os resultados escolares são fortemente influenciados pelo tipo de contexto social, a língua materna, a conexão ao mercado de trabalho, o capital cultural ou se é natural ou estrangeiro no país onde se estuda.

A bibliografia revista por Rumberger and Lim (2008) considera que a retenção tem um impacto negativo no abandono escolar. Relacionado com a retenção é o conceito de excesso de idade, a maioria dos estudos destes autores considera que os alunos mais velhos são mais propensos a abandonar a escola do que os alunos mais novos. Capucha (2010) é da mesma opinião quando afirma que os jovens atingidos uma vez pela retenção, tendem a sê-lo noutras ocasiões, até abandonarem a escola sem atingirem os patamares mínimos de escolaridade.

Seguindo o mesmo raciocínio, um estudo realizado por Santos e Alves (2008) em algumas escolas da região Norte de Portugal mostrou que os fatores mais relevantes para os alunos abandonarem a escola são o extrato sociocultural de onde são provenientes, as dificuldades de integração no novo ciclo de estudos e o desinteresse da família pelo percurso escolar do aluno.

Na opinião de Joaquim Azevedo (1999), as famílias situadas na sua maioria em contextos rurais e possuidoras de baixos níveis de rendimentos, tendem a manipular a frequência escolar dos seus filhos em função de outros aspetos como o cumprimento de uma obrigação legal, a necessidade de realização de aprendizagens escolares mínimas e a saída do ambiente escolar logo que possível. Segundo este autor o abandono escolar precoce é um complexo problema social, tanto nas suas causas como nas suas consequências sociais e profissionais. Um abandono escolar precoce está normalmente relacionado com uma rutura.

Esta rutura acontece no meio escolar, conduzindo ao abandono da instituição escolar antes de concluir a escolaridade obrigatória ou o limite etário legalmente estipulado. No entanto, apesar de acontecer na instituição escolar, envolvendo alunos e professores, este rompimento com a escolarização assenta numa série de causas que vão para além da esfera escolar. O autor afirma que ainda existe um currículo único, geral e comum, para todas as crianças e jovens até ao 9.º ano (15-16 anos) e o ensino básico não apresenta um final socialmente visível e reconhecido, o que conduz a uma saída prematura da escola.

Uma perspetiva diferente em relação ao abandono escolar são as pesquisas de alguns autores concentrarem-se em fatores que estão fora do sistema de ensino, tais como o uso de drogas, abuso de álcool, delinquência juvenil, pais adolescentes, etc. (Battin-Pearson, 2000; Renna, 2008; Pfeiffer and Cornelissen, 2010)².

É frequentemente assumido que as escolas com mais recursos permite-lhes atingir uma taxa de sucesso mais elevada. Alguns estudos mostram que não existe uma correlação entre o tamanho da turma e uma vida escolar precoce no secundário superior, embora o tamanho reduzido das turmas do ensino primário parece ter um efeito positivo sobre os resultados escolares (Rumberger and Lim, 2008 cit. em Lyche, 2010). Apenas alguns estudos encontraram uma correlação entre o aumento de recursos por si só e as taxas de abandono.

As estruturas e os recursos escolares têm também um impacto sobre o abandono. O facto de a escola ser grande ou pequena, ser pública ou privada interfere nos efeitos do abandono escolar.

A transição entre ciclos de ensino desencadeia processos de desigualdade e de exclusão social, na medida em que sobretudo as crianças de famílias com mais carências económicas e que vivem em zonas rurais, com escolas do 1.º ciclo próximas de casa e estabelecimentos de ensino do 2.º e 3.º ciclo mais afastados, acabam por ser um convite ao abandono (Abrantes, 2013).

Teresa Seabra (2008) afirma que a escola tem um papel limitado no esbatimento das desigualdades sociais, podendo mesmo exercer uma influência negativa, ela, simultaneamente, permanece no centro da integração. A escola não muda a sociedade, como inicialmente se supôs, mas isso não significa que não constitua o contexto social com maiores probabilidades de proporcionar alguma mobilidade social.

²Citado em Lyche, 2010

Resumindo, zonas desfavorecidas, famílias com fraca intervenção escolar, fracas ambições e fracos resultados escolares dos alunos, atração pelo mercado de trabalho, professores pouco motivados e motivantes foram as situações referidas pelos vários autores como potenciadoras do abandono escolar.

Contudo, tratando-se de um fenómeno que resulta de uma situação explícita, torna-se possível identificar os alunos em risco e evitar que abandonem o sistema de ensino.

1.2 A transição dos jovens para a vida adulta

Os jovens pouco qualificados, que são um grupo muito heterogéneo são os que maiores dificuldades encontram na obtenção de um emprego estável e adequadamente remunerado (Azevedo e outros, 2007). Segundo os autores, com o crescimento do desemprego, sobretudo, o emprego jovem, as transições da escola à profissão, complexificaram-se, aumentando o tempo para finalizar essa transição, ou seja, os jovens são cada vez mais obrigados a planear individualmente as suas carreiras.

Nos atuais processos de transição, estes autores identificam as suas características: a quantidade de mudanças que um jovem experimenta ao longo deste período de trânsito; as durações do período de transição individual desde a saída da escola até à “posição de estabilidade” no mercado de trabalho; a diferenciação entre vários estatutos de transição, tais como emprego apoiado, estágios profissionais, programas de formação – ocupação ou formação-emprego, esquemas de apoio ao “primeiro emprego”; a natureza das trajetórias que resulta da conjugação entre educação, formação inicial, diplomas, emprego/desemprego; a extensão da individualização (crescimento do número das transições ou redução da correlação entre os processos de transição e as características de origem social, género, grupo social, nível cultural familiar); as variáveis contextuais existentes nas transições, tais como o estatuto ocupacional, a localização industrial, os salários, a congruência entre o tipo de formação e o tipo de ocupação, o desfaseamento entre o nível de educação atingido e o estatuto ocupacional (Azevedo e outros, 2007).

Na opinião destes autores, o emprego estável pode significar para muitos jovens uma missão impossível de atingir, onde se sucedem contratos precários e uma instabilidade que perdura ao longo dos anos e se vai transformando numa nova posição estável. Os jovens com baixas qualificações à entrada dos mercados de trabalho são os mais atingidos pela instabilidade, tornando-a estável, ao longo de toda a vida profissional ativa.

Os autores reforçam a ideia de que estamos perante tempos de incerteza e imprevisibilidade, estados que passam a fazer parte do quotidiano social e afetam grande parte da população. Estes estados levantam uma série de questões relativas ao tempo estimado de obtenção de um trabalho/emprego com a formação inicial adquirida; o tipo de relação contratual estabelecida e o nível de remuneração; quando é que se atinge autonomia e quando haverá condições para casar, comprar ou alugar casa, e pensar em ter filhos; será que ter filhos não é um risco demasiado grande num contexto tão imprevisível; quantas vezes pode haver mudança de emprego/profissão/vínculo contratual ao longo da vida e porquê; quando será alcançada a estabilidade no emprego; quantas vezes e quanto tempo se passará por uma situação de desemprego; de que forma esta situação afeta a estabilidade emocional.

Muitos jovens vêm-se obrigados a permanecer junto dos seus pais ou familiares próximos, porque não reúnem condições para se tornarem autónomos. A dependência financeira, como forma de autonomia por parte dos jovens dificulta o domínio das escolhas de vida, nomeadamente a vida em casal e a constituição de uma família.

Deste modo, a permanência em casa dos pais deve ser encarada como uma imposição do contexto socioeconómico, que transporta precariedade de emprego e precariedade financeira, mais do que uma consequência das livres escolhas dos jovens (Azevedo e outros, 2007).

Estes autores defendem que as constantes reestruturações económicas e empresariais, o crescimento da competitividade e a precariedade dos vínculos laborais são alguns dos fatores que mais influenciam uma mobilidade socioprofissional alargada, no seio de uma desregulação social. Deste modo, a mobilidade deve ser encarada não só como um processo de ajustamento sobre o mercado de trabalho, mas também como um processo de desenvolvimento individual da carreira e de melhoria das condições de emprego.

Os diplomados com escolaridade igual ou inferior ao 9.º ano têm tendência a desenvolver, maioritariamente, atividades profissionais de operários, artífices e trabalhadores similares (estudo realizado entre Setembro 1998 e Junho 2004). Os sujeitos com o 9.º ano de escolaridade apresentam menos mudanças de emprego, de grupo profissional ou tipo de vínculo laboral (Azevedo e outros, 2007).

Estes autores constataram que em Portugal, nem sempre os jovens menos qualificados são os que mais dificuldades apresentam na entrada do mercado de trabalho e de encontrar alguma estabilidade profissional.

Os jovens que entram no mercado de trabalho com menos qualificações e com um baixo nível socioeconómico, constituem o grupo que mais considera ter acedido a um percurso profissional estável e que menor dificuldade sente no seu exercício profissional. Existem mercados de trabalho locais que continuam a recrutar este tipo de mão-de-obra, caracterizada por abandonar a sua formação escolar precocemente, após a passagem por fracos percursos escolares, sem qualificação profissional inicial e que encontra uma colocação imediata. Estes jovens acabam por aceitar um estatuto social que é transferido de pais para filhos, e que dificulta o aparecimento de uma ambição melhor.

Alves e outros (2011) associam as baixas qualificações escolares com o desempenho de profissões manuais e pouco qualificadas. Este facto diz respeito a uma relação problemática entre o sistema de ensino, a escola, os seus atores e os alunos provenientes de classes desfavorecidas, e que mantêm uma relação conflituosa com a instituição escolar, pouco favorável à progressão escolar familiar.

Em 2010, Portugal ainda apresentava cerca de dois terços da sua população empregada com qualificações escolares ao nível do ensino básico, contra 22% da média europeia.

Portugal apresenta uma percentagem bastante mais alargada em profissões menos qualificadas (agricultores, operários e trabalhadores não qualificados) com 49%, enquanto a União Europeia detinha 35%, em 2010 (Alves e outros, 2011).

Estes autores salientam que as remunerações abaixo do salário mínimo ocorrem devido ao desempenho de trabalho a tempo parcial, de uma atividade pouco qualificada, apenas para garantir o sustento familiar. Na maior parte dos casos, resulta de uma baixa qualificação do posto de trabalho desempenhado, conduzindo assim ao recebimento de um baixo rendimento. Quanto ao género, as mulheres ocupam, na sua maioria, postos de trabalho não qualificados, recebendo salários mais baixos e com contratos a tempo parcial e informal (pessoal da limpeza). As escolaridades mais baixas acabam por garantir a obtenção de trabalhos menos qualificados, mais rotineiros e pior remunerados.

Contudo, é também nos contextos familiares de origem, na relação destes com a escola e na relação com os pares que podemos compreender as circunstâncias em que os jovens se encontram.

A situação de partida dos jovens é muito frágil, com trajetos educativos curtos que, acabam por condicionar as oportunidades de entrada bem-sucedida no mercado de trabalho (Alves e outros, 2011).

Machado Pais (2001) afirma que para alguns jovens, os riscos oferecem oportunidades que são aceites como benefícios, para muitos outros, os riscos não se conseguem controlar e a segurança é uma questão de sorte. Um jovem com um trabalho precário e que viva em situação de marginalidade, sente dificuldade em prever os riscos de vida, uma vez que a sua vida é toda ela um risco.

A vida dos jovens caracteriza-se por constantes discontinuidades: saem de casa dos pais, para um dia regressarem; abandonam os estudos, para retomarem no futuro; encontram um emprego e em qualquer momento, ficam sem ele; casam, mas não é certo que seja para toda a vida (Machado Pais, 2001).

Este autor salienta que os jovens rapidamente abandonam a escola, adquirem emprego e casam-se, deixando de ser jovens e passando a adultos, como logo a seguir, estão de novo no desemprego, voltam a ser estudantes, divorciam-se, reencontrando a juventude.

O processo de transição para a vida adulta acontece quando alguns jovens abandonam a escola, com o objetivo de arranjam um trabalho para regressarem à escola, devido às dificuldades na obtenção de emprego. A maioria dos jovens que vive fora de casa dos pais, não deixa de depender financeiramente dos mesmos.

O caminho pelo qual os jovens passam para a vida adulta é um caminho difícil, principalmente para os jovens mais desfavorecidos. Os modos de vida precários dos jovens tendem a atribuir uma forte indeterminação do seu futuro, de tal forma que é complicado falar de transição para a vida adulta (Machado Pais, 2001).

1.3 A Medida PIEF

O PIEF (Programa Integrado de Educação e Formação) foi criado pelo Despacho conjunto n.º 882/99, de 28 de Setembro, dos Ministros da Educação e do Trabalho e Solidariedade (publicado no Diário da República, 2.ª série, 241, de 15 de Outubro de 1999), no quadro do desenvolvimento da atividade realizada no âmbito do PEETI (Plano para Eliminação da Exploração do Trabalho Infantil), criado pela Resolução de Conselho de Ministros n.º 75/98, de 2 de Julho. A principal finalidade deste programa assenta no regresso à escola de crianças e jovens em situação de exploração de trabalho infantil e a sua integração em percursos escolares regulares. O programa engloba igualmente crianças e jovens em situações de insucesso escolar, de risco de abandono ou de abandono escolar efetivo, características presentes nos alunos em estudo. O PIEF apresenta uma dupla vertente, educativa/formativa e sócio integradora.

A primeira direcionada para a reinserção escolar, visando o cumprimento da escolaridade obrigatória, adquirindo novos contornos com a reorientação para percursos alternativos de educação e formação, com vista à dupla certificação escolar e profissional de jovens com mais de 15 anos. A segunda vertente é claramente reorientada para a deteção de situações-problema, para a disponibilização de respostas de natureza socioeconómicas, que envolvem também a inserção em atividades extracurriculares de formação, de ocupação e de desenvolvimento vocacional, de orientação e de desporto escolar promovidas pelos serviços, organismos dos ministérios da Educação e da Segurança Social e do Trabalho. Os projetos desenvolvidos para a integração das crianças e jovens no ensino regular, integram medidas de apoio educativo, nomeadamente a educação extraescolar, visando favorecer a inserção no grupo/turma (n.º 102 do Despacho conjunto). A individualização da intervenção e mantida na letra do Despacho conjunto n.º 948/2003 com a elaboração e cumprimento de um plano relativo a cada jovem, denominado PEF (Plano de Educação e Formação). No n.º 8 do Despacho conjunto n.º 48/2003 é instituída a figura do tutor para garantir o cumprimento do PEF, desempenhando um papel simultaneamente mediador e integrador (PETI, 2006).

Em suma, a criação da turma PIEF resultou da sinalização prévia de um conjunto de jovens com percursos de abandono escolar e/ou de trabalho infantil. O objetivo deste programa foi recuperar estes jovens para a aprendizagem e reintegração no interior da comunidade escolar.

Num estudo recente sobre a medida PIEF foram referidas como vantagens: a promoção do trabalho em equipa, contribuindo assim para o sucesso dos seus profissionais e a metodologia de carácter prático apontada como sendo a mais eficaz. Os professores envolvidos destacaram os laços criados com os alunos, mas também apontaram aspectos negativos como a indisciplina e os distúrbios causados. De uma maneira geral, a medida PIEF teve um importante papel na inclusão social de jovens e no combate ao insucesso, absentismo e abandono escolar (Moreira, 2014).

1.4 O Curso de Educação e Formação

O Curso de Educação e Formação (CEF) corresponde a um curso de dupla certificação, destinado a jovens com idades compreendidas entre os quinze e os vinte anos, em risco de abandono escolar, ou que já tenham abandonado o ensino regular e detentores de habilitações escolares que variam entre o 6.º ano de escolaridade e o ensino secundário, como é o caso dos jovens em estudo.

Perante um elevado número de jovens em situação de abandono escolar e em transição para o mercado de trabalho, o CEF tem como objetivo a recuperação dos défices de qualificação, escolar e profissional, através da aquisição de competências escolares, técnicas, sociais e relacionais que, lhes permita uma ingressão no mercado de trabalho com uma melhor preparação.

A frequência destes cursos, com aproveitamento, garante a obtenção de uma qualificação profissional, com equivalência ao 6.º, 9.º e 12.º anos de escolaridade.

A regulamentação dos CEF faz referência à “prioridade na tomada de medidas que visem, de forma sistemática, a promoção do sucesso escolar, bem como a prevenção dos diferentes tipos de abandono escolar, designadamente o desqualificado” (despacho conjunto nº 453/2004). Como alternativa, a estes últimos, são criadas novas vias profissionalizantes, que fomentam a especialização numa determinada área técnica e, simultaneamente, garantem a conclusão do ensino básico ou secundário. Os CEF foram criados em 2002 e entraram em vigor no ano letivo 2005/06 como “meio privilegiado de promoção das condições de empregabilidade e de transição para a vida activa dos indivíduos e de suporte à elevação dos níveis de produtividade da economia portuguesa”(despacho conjunto nº 453/2004). Estes cursos foram criados em parceria pelos Ministério da Educação e da Segurança Social e do Trabalho e são financiados pelo Programa Operacional Potencial Humano (POPH) e pelo Quadro de Referência Estratégico Nacional (QREN). De acordo com os normativos legais, “os cursos devem respeitar (...) os referenciais definidos pelo Ministério da Educação, através da Direcção-Geral de Formação Vocacional (DGFV) e da Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIDC) nas componentes sócio-cultural e científica, e pelo Ministério da Segurança Social e Trabalho através do Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP) para a componente de formação técnica” (despacho conjunto nº 453/2004). Os cursos são desenvolvidos e ministrados pela rede de escolas públicas, particulares e cooperativas, escolas profissionais e centros de gestão directa e participada pelo IEFP ou outras entidades formadoras acreditadas. Estes cursos organizam-se nas seguintes componentes de formação: componente sócio-cultural, componente científica, componente tecnológica e componente prática, visando o desenvolvimento pessoal, social e profissional dos formandos.

As componentes de formação sócio-cultural e científica organizam-se segundo disciplinas ou domínios; as componentes de formação tecnológica organizam-se segundo módulos de formação, associados a disciplinas; a componente de formação prática estrutura-se segundo um plano individual de formação e desenvolve-se no contexto de trabalho (estágio) que culmina numa prova de avaliação final (PAF) que atribuirá a qualificação profissional de nível 2 ou 3. O desenvolvimento dos cursos é assegurado por uma equipa pedagógica liderada pelo diretor de curso, cuja função é organizar, avaliar e articular interdisciplinarmente todo o curso e todo o percurso formativo dos alunos, promovendo o seu suceso educativo.

A avaliação das aprendizagens é contínua e “reveste um caráter regulador, proporcionando um reajustamento do processo de ensino aprendizagem e o estabelecimento de um plano de recuperação que permita a apropriação pelos alunos/formandos de métodos de estudo e de trabalho e proporcione o desenvolvimento de atitudes e capacidades que favoreçam uma maior autonomia na realização das aprendizagens” (despacho conjunto nº 453/2004). Os alunos concluem o curso quando obtêm uma classificação igual ou superior a 3 valores nos cursos de tipologia 1, 2 e 3, e uma classificação igual ou superior a 10 valores nos restantes cursos. Os CEF têm um referencial próprio e cada escola tem autonomia para adaptar o referencial ao seu contexto. Os currículos são flexíveis e, preferencialmente, ajustados à realidade e contexto de cada turma.

Em suma, a criação dos CEF possibilitou olhar o ensino de uma outra forma, adaptando currículos e olhando para cada aluno na sua individualidade. Contudo, existe ainda um longo caminho a ser percorrido. São cursos que, pela sua natureza curricular e organizacional, requerem um olhar atento e crítico, quer por parte dos educadores, quer por parte dos alunos (Machado, 2012).

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Para o desenvolvimento deste estudo, foram tomadas decisões a nível metodológico de acordo com os objetivos de estudo, de modo a dar resposta às questões de investigação inicialmente formuladas. Optou-se por fazer uso de uma metodologia qualitativa, tendo como base um estudo de caso que é, como refere Bell (2004:23), “*um termo global para uma família de métodos de investigação que têm em comum, o facto de se concentrarem deliberadamente sobre o estudo de um determinado caso*”.

. Este recaiu nos alunos que requentaram as duas turmas PIEF e CEF, na Escola E. B. 2,3/S de Tarouca, entre os anos letivos de 2005/06 a 2007/08 e que foram abrangidos pelo PETI.

Recordemos que o objetivo deste estudo consiste em analisar os percursos e os projetos de vida de jovens com baixas qualificações, inserindo-os nas condições da sua ocorrência. Especificamente, as suas condições familiares de partida e as suas atuais, a(s) atividade(s) laborais desenvolvida(s) e suas condições, rendimentos e aspirações profissionais, bem como o trajeto escolar, os incidentes ocorridos e as aspirações escolares.

Na presente pesquisa, foram utilizadas diferentes técnicas de recolha de informação em momentos distintos, os quais designaremos por momento um (M1), momento dois (M2), momento três (M3) e momento quatro (M4), correspondentes respetivamente, à situação dos alunos no início do ano letivo (ano de 2005/06), à conclusão do 6.º ano de escolaridade (2006), à avaliação final dos cursos (2008) e à realização das entrevistas (Agosto de 2015). Ver quadro 1.

Quadro 1 – Diferentes momentos de recolha de informação

	Data	Fontes
M1 (momento da entrada na turma PIEF)	2005/06	- Fichas biográficas; - Inquéritos dirigidos aos alunos; - Informações recolhidas junto dos Encarregados de Educação;
M2 (momento em que concluíram o 6.º ano)	2006	- Pauta de avaliação da turma PIEF.
M3 (momento em que concluíram o 9.º ano)	2008	- Pautas de avaliação dos cursos (final do ano letivo).
M4 (momento das entrevistas)	Agosto 2015	- Entrevista a quinze jovens (ex-alunos); - Dados fornecidos pelos entrevistados sobre os colegas.

A informação inicial foi recolhida em 2005 (M1), através das fichas biográficas dos alunos onde constam a sua identificação e a composição do agregado familiar, bem como as suas habilitações literárias e profissões. Através dos inquéritos dirigidos aos alunos foi possível obter informações relativas à sua vida escolar, nomeadamente as suas repetições, disciplinas que mais gostavam e onde apresentavam mais dificuldades e as suas aspirações profissionais. Em 2007, através da pauta de avaliação da turma PIEF foi possível saber que a totalidade dos alunos tinha completado o 6.º ano de escolaridade. Em 2008 (M3), através das pautas de avaliação foi possível saber o aproveitamento escolar de cada aluno, bem como o nível de escolaridade completado. Por último, em Agosto de 2015 (M4) foram realizadas as entrevistas aos quinze jovens (ex-alunos) e segundo os seus depoimentos conseguimos reter informações sobre os seus colegas e tal só foi possível devido à proximidade existente entre eles. O facto de estes jovens residirem ou terem familiares a residir num meio rural possibilita o conhecimento sobre os seus percursos de vida.

A entrevista semi-estruturada foi aplicada a quinze dos jovens que frequentaram o PIEF/CEF e teve como objetivo enriquecer as informações obtidas, de forma a compreender melhor os seus percursos escolares e profissionais.

As entrevistas realizadas para a consecução dos objetivos da nossa investigação inserem-se numa tipologia semiestruturada, a qual permite que o entrevistado fale abertamente mas, é reorientado pelo entrevistador, sempre que se afastar dos objetivos da entrevista (Quivy & Campenhoutdt, 2003)³. Considerou-se mais adequada a entrevista semi-estruturada, uma vez que este modelo se desenvolve a partir de um esquema básico, não aplicado rigidamente.

A entrevista deve ser utilizada *“para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo”* (Bogdan & Biklen, 1999:134). A escolha das entrevistas deveu-se, ainda, ao facto de estas proporcionarem o acesso a outro tipo de informações, nomeadamente sentimentos, pensamentos, intenções, bem como conhecer a perspetiva do entrevistado sobre determinado assunto (Merriam, 1998).

Preparou-se um guião de entrevista (Anexo I) onde se clarificaram os tópicos de forma a existir uma coerência interna entre as questões.

O guião de entrevista foi elaborado circunscrevendo-se apenas ao que se pretendia analisar.

³A ideia inicial seria entrevistar a totalidade dos alunos deste programa, mas tal não foi possível porque a maioria dos alunos encontra-se a residir no estrangeiro e vem ao seu país esporadicamente.

Deste modo, o guião estruturou-se em torno de cinco blocos:

- i) a situação profissional dos entrevistados;
- ii) percurso escolar;
- iii) situação de autonomia/dependência;
- iv) aspirações e expetativas profissionais e escolares;
- v) planos de vida futuros.

As entrevistas dos jovens foram marcadas antecipadamente e escolhidas a hora e o local de acordo com a sua conveniência particular. Os entrevistados não tiveram conhecimento antecipado do conteúdo da entrevista, apenas do seu objetivo e do tempo estimado da sua realização (30 minutos). A todos foi garantido a confidencialidade e o anonimato da mesma.

Todas as entrevistas foram áudio gravadas, com consentimento de todos os intervenientes, e posteriormente transcritas.

Este corpus foi submetido à análise de conteúdo que, como afirma Bardin (2004:44), é um *“conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”*.

3. ESCOLA E TRABALHO: TRAJETOS E ASPIRAÇÕES DOS ALUNOS DO CURSO DE SERVIÇOS SOCIAIS

3.1 Condições sociais, trajectos e aspirações escolares

O quadro 2⁴ inclui os alunos da turma do 9.º ano de escolaridade, constituído por dezasseis alunos, sete do sexo masculino e nove do sexo feminino. Podemos constatar que alguns alunos estariam a trabalhar quando deram entrada no curso e que outros estariam em risco de abandono escolar. Relativamente às aspirações profissionais destes jovens, podemos verificar que apenas quatro dos alunos ambicionavam um dia trabalhar na mesma área do curso que iriam frequentar. Ora isto leva-nos a concluir que existe um desfasamento entre a área profissional escolhida pelos alunos e a área que a escola tem para lhes oferecer.

Quadro 2 – Situação do aluno na entrada do Curso de Serviços Sociais (Apoio a Idosos)⁵ (M1)

Nome do Aluno	Nível escolar completo	Atividade no início curso	Aspirações Profissionais	Profissão		Habilitações Literárias (Ciclo)	
				Pai	Mãe	Pai	Mãe
Carlota	5.º ano	Trabalho agrícola	Cabeleireira	Servente	Doméstica	1.º	1.º
Dora	5.º ano	Trabalho agrícola	Auxiliar de Idosos	-----	Doméstica	1.º	1.º
Elisa	5.º ano	Trabalho agrícola	Estilista	Servente	Doméstica	1.º	1.º
Afonso	8.º ano	Trabalho agrícola	Bombeiro	(*)	Doméstica	----	1.º
Tomás	5.º ano	-----	Mecânico	Servente	Doméstica	1.º	1.º
Dinis	4.º ano	-----	Mecânico	Agricultor	Doméstica	1.º	1.º
Susana	4º ano	-----	Cabeleireira	Agricultor	Doméstica	1.º	1.º
Rute	4.º ano	-----	Cabeleireira	Agricultor	Doméstica	1.º	1.º
Carlos	7.º ano	Trabalho agrícola	Polícia	(*)	Jardineira	----	1.º
Cristóvão	4.º ano	Trabalho agrícola	Jardineiro	Agricultor	(*)	1.º	----
Maria	6.º ano	Bailarina	Veterinária	(*)	-----	----	3.º
Rui	4.º ano	Trabalho agrícola	Auxiliar de Idosos	(*)	Doméstica	----	1.º
Laura	5.º ano	Trabalho agrícola	Auxiliar de Idosos	Pedreiro	Doméstica	1.º	1.º
Jaime	4.º ano	Trabalho agrícola	Jardineiro	Agricultor	Doméstica	1.º	1.º
Marlene	6.º ano	Trabalho agrícola	Auxiliar de Idosos	Pedreiro	Doméstica	1.º	1.º
Sofia	5.º ano	Bailarina	Fotógrafa	Servente	Doméstica	1.º	2.º

Nota: (*) Falecido

⁴ A informação contida em todas as tabelas apresentadas teve por base as fichas biográficas dos alunos, inquéritos dirigidos aos mesmos, informações recolhidas junto dos encarregados de educação e dados fornecidos pelos entrevistadores sobre os colegas.

⁵ Assinala-se a cinza os alunos que foram entrevistados (M4).

O quadro 3 é representativo da turma do 9.º ano de escolaridade, constituído por catorze alunos, oito do sexo masculino e 6 do sexo feminino, todos eles com a particularidade de terem ficado retidos no ano de escolaridade anteriormente frequentado.

Relativamente às aspirações profissionais apenas um aluno manifestou ter vontade de trabalhar na mesma área que o seu curso de frequência. Concluindo-se que tanto para a turma do 6.º ano, como para a turma do 9.º ano de escolaridade o curso proposto pela escola não vai ao encontro da vontade destes alunos.

Quadro 3 - Situação do aluno na entrada do Curso de Serviços Sociais (Apoio a Crianças) (M1)

Nome do Aluno	Nível escolar completo	Atividade no início do curso	Aspirações Profissionais	Profissão		Habilitações Literárias (Ciclo)	
				Pai	Mãe	Pai	Mãe
Andreia	7.º ano	Trabalho agrícola	Auxiliar de Crianças	Trolha	(*)	1.º	----
João	7.º ano	Trabalho de madeireiro	Polícia	Madeireiro	Doméstica	1.º	2.º
Madalena	7.º ano		Engenheira Mecânica	Pintor	Doméstica	2.º	1.º
Sílvia	8.º ano	-----	Esteticista	Serralheiro	Doméstica	1.º	2.º
Teodoro	7.º ano	-----	NS	Servente	Doméstica	1.º	1.º
Luís	7.º ano	-----	Mecânico	Gerente de Restauração	Doméstica	1.º	1.º
Aurora	8.º ano	-----	Atriz	Talhante	Talhante	1.º	1.º
Simão	7.º ano	-----	NS	Pedreiro	Doméstica	1.º	3.º
Guilherme	7.º ano	-----	Camionista	Servente	Doméstica	1.º	1.º
Lúisa	7.º ano	Trabalho agrícola	Advogada	Agricultor	Doméstica	2.º	1.º
Silvana	7.º ano	-----	NS	Serralheiro	Doméstica	1.º	2.º
Henrique	8.º ano	-----	NS	Pedreiro	Doméstica	1.º	1.º
Diogo	7.º ano	-----	Cozinheiro	(*)	Doméstica	----	2.º
António	7.º ano	-----	Padeiro	Agricultor	Cozinheira	1.º	1.º

Nota: (*) Falecido

Foi possível entrevistar cerca de metade dos jovens, tendo, através destes, sido possível conhecer a situação e alguns dos restantes.

Numa análise geral à caracterização pessoal e composição do agregado familiar, de acordo com a informação recolhida das entrevistas, dez dos entrevistados encontram-se a residir no concelho de Tarouca e cinco residem na Suíça.

A grande maioria dos entrevistados reside em casa alugada, existindo apenas três entrevistadas a residir em casa dos pais. Este facto pode ser explicado pela situação conjugal, sendo que as três entrevistadas não têm cônjuge ou companheiro.

Dos doze entrevistados que vivem em casa própria, nove são casados, ou têm companheira, e seis têm filhos. Por outro lado, somente quatro dos quinze jovens vivem sós, sem cônjuge ou companheiro(a).

Verificámos que não existe uma relação direta entre parentalidade e casamento, na medida em que, de todos os entrevistados que têm filhos, nenhum é casado. Apenas uma entrevistada é casada e não tem filhos.

Analisando o quadro 2, relativo às condições familiares dos entrevistados, nomeadamente a escolaridade dos pais, constatamos que a esmagadora maioria tem como grau escolar o 1.º ciclo, embora não tenhamos a informação do número de anos que frequentaram e se ficou concluído⁶.

Se analisarmos o quadro 3, deparamo-nos com o mesmo cenário junto dos jovens que não foram entrevistados, embora tenhamos dois casos em que os pais frequentaram o 3.º ciclo, as famílias de origem destes jovens são claramente detentoras de baixos capitais escolares.

Não foi nenhuma novidade verificar que os níveis de escolaridade dos jovens aumentaram comparativamente aos seus pais. Nenhum deles possui menos do que o 6.º ano de escolaridade. Todos concluíram o 6.º ano de escolaridade, a maioria frequentou e concluiu o 9.º ano e apenas dois entrevistados concluíram o 12.º ano. Os trinta jovens marcaram uma trajetória educativa ascendente, subindo cerca de um ciclo ou dois dependendo dos casos, relativamente à geração dos pais.

Se a reprodução geracional das profissões é uma tendência forte, a mobilidade educativa ascendente também acaba por ser. Isto reflete a melhoria das condições estruturais do país nos últimos 50 anos, marcado pelo crescimento económico, pela melhoria das condições de vida e implementação de políticas públicas de massificação do ensino que possibilitaram a mobilidade educativa ascendente, investindo na melhoria da formação escolar da geração seguinte.

Os meios sociais de origem e as relações de sociabilidade acabam por ser a principal fonte de angariação de emprego para alguns jovens, sobretudo para os mais fragilizados em recursos económicos, educativos e relacionais. Nesta inserção pouco favorável no mercado de trabalho, o abandono precoce da escola é um facto muito frequente, seja desencadeado pelo insucesso, ou pela carência de recursos mínimos, ou simplesmente por um desinteresse. A escassez de qualificações reduz a oferta de trabalhos monótonos e repetitivos, a horários certos ou demasiado longos e desajustados, o salário é baixo e a expectativa de continuidade e promoção não é alcançada (Alves e outros, 2011).

⁶ Se analisarmos o quadro 2, deparamo-nos com o mesmo cenário junto dos jovens que não foram entrevistados, embora tenhamos dois casos em que os pais frequentaram o 3.º ciclo. As famílias de origem destes jovens são claramente detentoras de baixos capitais escolares.

Analisando as profissões dos pais destes jovens, verifica-se que os grupos profissionais com maior peso são os Agricultores e Trabalhadores não qualificados da Construção Civil. A esmagadora maioria das mães dos entrevistados são domésticas, ou seja, não exercem nenhuma atividade profissional remunerada.

À data da entrevista, três dos jovens tinha completado o 2.º ciclo, nove o 3.º ciclo e apenas dois, o ensino secundário (ver quadro 4). Ou seja, a qualificação escolar da maioria dos entrevistados, limita-se ao 9.º ano de escolaridade, não diferindo muito das baixas qualificações da sociedade portuguesa (Alves e outros, 2011). A maioria dos entrevistados abandonou a escola, logo após ter concluído o 9.º ano de escolaridade e completado a escolaridade obrigatória, sem chegar a frequentar o ensino secundário. Dentro deste grupo de jovens ainda houve quatro deles que desistiram logo após terem concluído o 6.º ano de escolaridade.

Um estudo realizado por Santos e Alves (2008) em algumas escolas da região Norte mostrou que os fatores mais relevantes para os alunos abandonarem a escola são o extrato sociocultural de onde são provenientes, as dificuldades de integração no novo ciclo de estudos e o desinteresse da família pelo percurso escolar do aluno. A opinião de Joaquim Azevedo (1999), vai no mesmo sentido. Considera que as famílias situadas na sua maioria em contextos rurais e possuidoras de baixos níveis de rendimentos, tendem a manipular a frequência escolar dos seus filhos em função de outros aspetos como o cumprimento de uma obrigação legal, a necessidade de realização de aprendizagens escolares mínimas e a saída do ambiente escolar logo que possível.

Entre os que abandonaram a escola com o 6.º ano de escolaridade, apenas um frequentou um curso de formação profissional, com equivalência ao 9.º ano de escolaridade. Um outro aluno terá frequentado durante um ano e meio um curso de Francês para imigrantes, não tendo obtido nenhum grau de ensino da escolaridade regular.

De salientar que apenas um entrevistado beneficiou de formação profissional facultada pela entidade empregadora, o que, segundo Guerreiro e outros (2009), a valorização das competências sociais dos indivíduos, presentes no desempenho bem-sucedido das funções laborais, justifica o investimento das respetivas entidades patronais na formação dos recursos humanos.

“Comecei por fazer o trabalho manual, ajudava os outros e assim, passado algum tempo fiz dois cursos de maquinista dentro da empresa e agora ando com as máquinas a meter alcatrão nas estradas e a fazer entradas de casas” (Teodoro, 9.º ano concluído, Maquinista, 24 anos).

Na maior parte das entrevistas é atribuída uma grande importância à conclusão do 3.º Ciclo, como se tratasse de uma grande meta a atingir. Talvez pelo facto de o 9.º ano de escolaridade corresponder ao limite de escolaridade obrigatória.

“...porque tinha que fazer ao menos o 9.º ano...” (Madalena, 9.º ano concluído, desempregada, 25 anos).

“...assim que terminei o 9.º ano saí logo da escola” (Andreia, 9.º ano concluído, desempregada, 26 anos).

A esmagadora maioria dos jovens reprovou dois ou três anos antes de abandonar a escola, ou seja, a desistência da escola ocorreu após grandes sobressaltos no percurso escolar, nomeadamente por episódios de retenção que contribuíram de certa forma para não dar continuidade à escolarização (Quadro 4).

Quadro 4 - Trajetória escolar dos alunos do Curso de Serviços Sociais (Apoio a Idosos)

Nome	N.º de retenções (anos da retenção) (M1)	Disciplinas (M1)		Escolaridade completada (M2)	Nota do Curso (M3)	Nível de escolaridade completado (M3)	Escolaridade atual (M4)
		Gosta	Não gosta				
Tomás	2 (5.º/6.º)	E.F.	Mat.	6.º	3	6.º	9.º
Dinis	2 (3.º/4.º)	E.F.	Mat.	6.º	3	6.º	6.º
Cristóvão	3 (3.º/4.º/5.º)	E.F.	Mat.	6.º	3	6.º	6.º
Carlota	2 (3.º/6.º)	Port.	Mat.	6.º	3	9.º	9.º
Dora	2 (5.º/6.º)	Port.	Mat.	6.º	4	9.º	9.º
Elisa	1 (6.º)	Port.	Mat.	6.º	5	9.º	9.º
Afonso	3 (6.º/9.º 2x)	E.F.	Mat.	6.º	3	9.º	9.º
Susana	2 (3.º/4.º)	E.F.	Mat.	6.º	4	9.º	9.º
Rute	2 (3.º/4.º)	Hist.	Mat.	6.º	3	9.º	9.º
Carlos	3 (6.º/7.º/8.º)	E.F.	Mat.	6.º	4	9.º	12.º
Maria	2 (3.º/7.º)	Port.	Mat.	6.º	3	9.º	9.º
Rui	2 (3.º/4.º)	E.F.	Port.	6.º	3	9.º	9.º
Laura	1(6.º)	E.F.	Mat.	6.º	4	9.º	9.º
Jaime	2 (2.º/5.º)	E.F.	Mat.	6.º	4	9.º	9.º
Marlene	1(7.º)	Port.	Mat.	6.º	4	9.º	9.º
Sofia	3 (3.º/5.º/6.º)	E.F.	Mat.	6.º	3	9.º	9.º

Quadro 5 - Trajetória escolar dos alunos do Curso de Serviços Sociais (Apoio a Crianças)

Nome	N.º de retenções (ano de retenção) (M1)	Disciplinas (M1)		Nota do curso (M3)	Nível de Escolaridade e Completado (M3)	Escolaridade atual (M4)
		Gosta +	Gosta -			
Andreia	2 (6.º/7.º)	Port.	Mat.	4	9.º	9.º
João	1(9.º)	E.F.	Mat.	3	9.º	9.º
Madalena	2 (5.º/8.º)	E.F.	Mat.	4	9.º	9.º
Sílvia	2 (4.º/8.º)	Hist.	Mat.	4	9.º	9.º
Teodoro	2 (6.º/8.º)	E.F.	Mat.	3	9.º	12.º
Luís	2 (6.º/8.º)	E.F.	Mat.	3	9.º	9.º
Aurora	2 (6.º/9.º)	E.V.	Mat.	4	9.º	9.º
Simão	3 (4.º/7.º/8.º)	E.F.	Port.	3	9.º	9.º
Guilherme	3 (3.º/5.º/8.º)	E.F.	Mat.	5	9.º	9.º
Luísa	3 (6.º (2x) 8.º)	Todas	Port.	4	9.º	9.º
Silvana	2 (3.º/4.º)	E.V.	Mat.	3	9.º	9.º
Henrique	2 (7.º/9.º)	Todas	Mat.	3	9.º	9.º
Diogo	3 (4.º/5.º/8.º)	E.F.	Port	4	9.º	9.º
António	3 (2.º/7.º/8.º)	E.F.	Mat.	3	9.º	9.º

No momento em que estes jovens ingressaram na turma, as disciplinas de Português e de Matemática foram consideradas, pela maioria dos jovens, como sendo as menos desejadas e em contrapartida, a disciplina de Educação Física como sendo a sua preferida.

Analisando o percurso escolar dos entrevistados podemos constatar que existe uma história de insucesso no seu percurso, embora estes atribuam a saída da escola a outros factores como, por exemplo, a necessidade de trabalhar devido aos problemas económicos das suas famílias.

O facto de os alunos considerarem que não foram feitos para estudar pode ser considerado uma variável explicativa do seu insucesso escolar.

“...andava naquilo só mesmo pelos colegas porque para estudar nunca servi para isso...eu não dava para os estudos...” (Andreia, 9.º ano concluído, desempregada, 26 anos).

“...nunca gostei de estudar...eu nunca me puxou para os estudos...” (Afonso, 9.º ano completo, ajudante de carpintaria, 25 anos).

A origem social dos jovens está por detrás da sua trajetória escolar e contribui para que estes lhe ponham precocemente um fim.

A falta de poder económico da família foi determinante para que a maioria dos entrevistados abandonasse a escola e se iniciasse no mercado de trabalho.

Alguns jovens referiram que se tivessem tido outras ajudas na escola, teriam continuado a estudar.

“No curso ainda tive...aquela ajuda, ainda dava para ir, depois eu continuar a escola não dava...” (Dora, 9.º ano completo, trabalhadora agrícola, 23 anos).

“...se calhar até continuaria, se houvesse outro curso para acabar o 12.º ano...” (Afonso, 9.º ano completo, ajudante de carpintaria, 25 anos).

Segundo Capucha (2005), os pobres têm mais dificuldades em retirar vantagens da escola e, desse modo, vêem ser-lhes vedado um recurso essencial para deixarem a sua condição.

A morte de um dos pais ou um problema de saúde de qualquer membro da família são exemplos referidos nas entrevistas, como motivos que aceleraram o processo de abandono escolar.

“...senti-me na obrigação porque...no ano antes de deixar de estudar, faleceu o meu pai e como a reforma do meu pai já era pequenina e era o sustento da casa...e eu senti-me na obrigação para ajudar a minha mãe” (Afonso, 9.º ano completo, ajudante de carpintaria, 25 anos).

“Depois já tinha quase dezoito anos e tinha que ajudar em casa, a minha mãe também estava grávida e sofria da cabeça e eu tinha que ajudar com os meus irmãos” (Elisa, 9.º ano completo, auxiliar de serviços gerais, 24 anos).

A ambição em atingir a sua independência financeira foi um argumento constante nas entrevistas. O acesso ao dinheiro através do trabalho é um motivo forte para por de lado a escola e toda a história de insucesso presente.

“Para ter o meu dinheiro sem pedir aos meus pais” (Madalena, 9.º ano concluído, desempregada, 25 anos).

“Porque tinha que trabalhar para juntar dinheiro...para construir vida para comprar casa, para comprar carro” (João, 9.º ano concluído, servente da construção civil, 26 anos).

Capucha (2010) salienta que a escola, o mercado de trabalho e as famílias formam um triângulo de reforço mútuo, que em certas alturas pode apelar para o abandono escolar precoce. Ou seja, as empresas com estratégias conservadoras de sobrevivência, com base na força de trabalho intensiva e pouco qualificada, acabam por contratar jovens com baixas qualificações, funcionando como uma alternativa à escola.

No caso de alguns entrevistados o que potenciou o abandono da escola foi sentirem-se no dever moral de o fazer devido a necessidades económicas sentidas pelas famílias de origem. Noutros casos foi a vontade de independência financeira face aos pais, pois viviam num ambiente familiar conflituoso.

“Também tinha a minha avó que era a minha encarregada de educação e não tinha dinheiro para mim...” (Andreia, 9.º ano concluído, desempregada, 26 anos).

“Sim, queria mudar de vida... Se o ambiente familiar fosse mais harmonioso, se calhar tinha continuado” (Cristóvão, 6.º ano concluído, empregado de hotel, 24 anos).

“...continuar a escola não dava, via os meus pais na situação que estavam e não dava. A minha mãe tinha um menino pequenino...o meu pai primeiro bebia...a minha mãe também...o meu pai não pode trabalhar...dá-lhe ataques...a minha mãe tem a minha tia deficiente...” (Dora, 9.º ano completo, trabalhadora agrícola, 23 anos).

No caso do entrevistado Dinis foi o seu comportamento desviante, que propiciou a sua saída da escola, após ter estado envolvido numa situação de agressão a um professor, concluiu o 6.º ano de escolaridade fora da escola, através de um trabalho com uma entidade parceira do programa PEETI (Câmara Municipal de Tarouca).

Apenas três entrevistados manifestou o desejo de melhorar as suas competências escolares, embora não fosse com o objetivo de melhorar o seu futuro profissional, mas como forma de realização pessoal. Mas, infelizmente a concretização dessa vontade encontra-se condicionada pela vida quotidiana, pela falta de tempo disponível devido ao trabalho, por ter um filho menor e pela distância do estabelecimento de ensino.

“Eu gostava de fazer o 12.º ano, mas agora é mais difícil porque tenho a minha filha e trabalho por turnos.” (Elisa, 9.º ano completo, auxiliar de serviços gerais, 24 anos).

“Ainda tive ideias de regressar para tirar o 12.º ano...ainda estou com esperanças de tirar” (Andreia, 9.º ano concluído, desempregada, 26 anos).

“Talvez um dia mais tarde. Às vezes falo disso com a Elisa” (Dora, 9.º ano completo, trabalhadora agrícola, 23 anos).

Houve apenas dois entrevistados que não seguiram as várias etapas de ensino regular para concluírem o 12.º ano de escolaridade. Carlos fez um curso, cujo plano curricular não esteve diretamente vocacionado para o ensino de saberes profissionalizantes e sim para a certificação de conhecimentos interiorizados. E Sílvia fez o curso de Gestão Hoteleira de nível 5, tendo ficado com qualificação de nível pós-secundário, não superior, com créditos para o prosseguimento de estudos a nível superior.

Tomás frequentou o curso de Jardinagem e Espaços Verdes, através da Escola Profissional de Vila Real, tendo-lhe sido atribuído equivalência ao 9.º ano de escolaridade.

Segundo Duarte (2000), a concepção da escola não se limita apenas à turma, ao espaço da sala de aula e às diferentes disciplinas que frequentam, existem outras áreas incluídas como por exemplo os cafés ou as salas de jogo. Aqui estamos a dar importância ao convívio entre os colegas, seja dentro ou fora da escola, referenciado por alguns dos entrevistados.

“Eu gostava de ir para a escola, não gostava era de estudar” (João, 9.º ano concluído, servente da construção civil, 26 anos).

“Sim, gostava e a minha melhor amiga e que foi sempre que posso ir lá a ela, foi a Elsa” (Cristóvão, 6.º ano concluído, empregado de hotel, 24 anos).

Os alunos podem sentir-se bem na escola, mesmo que nas aulas não tenham um aproveitamento satisfatório, bastando moverem-se entre o grupo de pares. Podem gostar de pertencer a uma turma simplesmente por terem colegas com quem se relacionam muito bem e podem partilhar as aventuras do fim-de-semana.

3.2 Trajetos e aspirações profissionais

A saída de casa dos pais está, através dos depoimentos recolhidos, relacionada com a necessidade individual de interdependência financeira. É notória que, a decisão dos entrevistados, independentemente do seu sexo, saírem de casa da família de origem, depende de questões relacionadas com problemas familiares, necessidade e independência financeira. Para a maioria dos entrevistados, a casa da família será um espaço de visita, ou no caso de uma entrevistada, um espaço de poupança com vista à compra de uma casa própria.

“ Quanto ao trabalho ser ao lado de casa dos meus pais e eu estar a viver com eles, não é bom, só é bom no facto que poupo dinheiro para comprar uma casa minha” (Sílvia, 12.º ano concluído, empregada de quartos, 24 anos).

Relativamente ao tipo de dependência, encontramos apenas três entrevistadas que residem com os pais, mas o rendimento obtido destina-se apenas aos seus gastos individuais, enquanto as despesas da habitação são suportadas pelos pais. Por outro lado, a maioria dos entrevistados vive em situação de autonomia, sem o apoio financeiro dos pais. Deste modo, estamos perante uma situação de independência em relação aos progenitores, embora em dois casos com dependência residencial.

Comparando o grau de autonomia do sexo feminino e masculino, existem mais jovens rapazes com autonomia, ou seja, dependem menos dos pais do que os do sexo feminino. E temos ainda quatro jovens que ajudam financeiramente os seus progenitores quando estes solicitam.

“Somos nós que ajudamos os meus pais quando precisam. O meu pai nem sempre tem trabalho e de vez em quando pede-nos dinheiro emprestado, mas depois paga” (Elisa, 9.º ano concluído, auxiliar de serviços gerais, 24 anos).

“Sim, ajudo os meus pais e a minha irmã Gina que está numa cadeira de rodas” (Susana, 6.º ano concluído, cozinheira de hotel, 26 anos).

“Sim, se precisar, se eu poder, prontos eu posso e empresto e às vezes...compro coisas e dou-lhe” (Dora, 9.º ano concluído, trabalhadora agrícola, 23 anos).

Contudo é interessante verificar que mesmo os que têm rendimentos mensais mais baixos, não dependem financeiramente dos pais e desconhece-se que estejam a receber o rendimento social de inserção.

A maioria destes jovens já iniciou um processo de autonomia residencial, embora estejam a residir em casas alugadas. Sendo autónomos, partilham a mesma casa com namorado(a), marido/mulher e filho(s).

No que diz respeito à condição perante o trabalho, onze dos entrevistados exerciam uma atividade profissional até à data da entrevista (2015). Apenas duas entrevistadas estavam desempregadas, nenhum jovem trabalhava por conta própria.

Quanto à questão dos vínculos laborais, a esmagadora maioria tem contratos com a empresa/organismo onde trabalha. Apenas três dos entrevistados não possuem qualquer tipo de contrato com a entidade empregadora. Os jovens entrevistados são quase todos trabalhadores por conta de outrem, com contratos laborais de termo certo e trabalham no setor privado.

Segundo Guerreiro e outros (2009) o facto de os indivíduos possuírem recursos escolares baixos não constitui, por si só, um entrave à escolha da via profissional do empresariado, uma vez que boa parte dos pequenos empresários portugueses possuem igualmente habilitações escolares baixas. Mas, apesar de alguns progenitores trabalharem por conta própria, os seus filhos são seguidos pelas suas pisadas e encontram-se a trabalhar por conta de outrem, como é o caso do João.

Relativamente às profissões desempenhadas, a população distribui-se em Pessoal dos Serviços, Trabalhadores Agrícolas, Operários, Trabalhadores não qualificados dos Serviços e Trabalhadores não qualificados da Construção Civil.

Conclui-se que as mulheres, comparativamente com os homens, se encontram num número de atividades mais reduzido, o que na opinião de Guerreiro e outros (2009) é natural pois o mercado fecha o leque das possibilidades de trabalho das mulheres. Verifica-se que a maior parte dos jovens do sexo feminino são empregadas de hotel ou trabalhadoras agrícolas.

Em termos dos rendimentos, metade da população entrevistada recebe entre 500 euros e 650 euros, e a outra metade recebe acima dos 1000 euros. Entre esta última metade, apenas um entrevistado encontra-se a trabalhar em Portugal e sem qualquer vínculo laboral com a sua entidade patronal. Comparando as qualificações escolares detidas e as profissões por eles ocupadas, verificamos que os dois entrevistados que concluíram o 12.º ano de escolaridade têm rendimentos inferiores aos seus colegas com recursos escolares inferiores, ou seja, um nível de escolaridade mais elevado não é sinónimo de um valor salarial igualmente mais elevado.

Segundo Azevedo e outros (2007), os métodos utilizados na pesquisa do primeiro emprego são os contatos informais com recurso a uma rede social alargada (familiares, amigos, conhecidos e colegas) e inscrição no IEFP. Relativamente ao ciclo de vida dos empregos desempenhados, os jovens cujos empregos têm maior duração são os que apresentam mais baixa escolaridade e os provenientes de níveis socioeconómicos mais baixos.

No que diz respeito à motivação para a retoma dos estudos, entre os que não tem motivação, estão em maioria os homens com escolaridade igual ou inferior ao 9.º ano de escolaridade.

Segundo Sandra Mateus (2002), as representações da realidade profissional dos jovens são fortemente determinadas pelas situações profissionais que conhecem e pela relação afetiva que estabelecem com as pessoas que as desempenham. Exemplo disso é a Madalena que foi contratada para um restaurante, cujo dono era senhorio dos seus pais. Numa altura em que esta jovem procurava integrar o mercado de trabalho, pediu ao pai para intermediar a sua entrada no restaurante. A jovem não estava a conseguir alcançar as oportunidades oferecidas pelo mercado de trabalho e necessitou da ajuda do pai, acabando por abraçar a profissão de copeira durante seis anos.

Rute e Susana foram trabalhar para um hotel na Suíça, onde já se encontrava a trabalhar o irmão mais velho.

A integração no mercado de trabalho é feita, através das redes de conhecimento, assente no poder dos laços de confiança e de solidariedade, estabelecidos entre os agentes intervenientes (Guerreiro e outros, 2009).

Dora começou a fazer trabalhos agrícolas, nomeadamente na apanha da fruta, uma vez que a mãe e os irmãos mais velhos já desempenhavam essa mesma atividade.

Cristóvão foi para a Suíça, porque lá se encontravam os irmãos mais velhos a trabalhar.

Somente um entrevistado usou a internet como instrumento para procurar emprego. E um outro foi diretamente ao local de trabalho oferecer os seus serviços.

“...fui eu que pensei que podia mandar por internet o meu currículo para hotéis e depois tive a resposta de dois hotéis...” (Cristóvão, 6.º ano completo, empregado de hotel, 24 anos).

“Fui lá entregar o meu currículo e depois chamaram-me para uma entrevista e acabei por ficar” (Sílvia, 12.º ano completo, empregada de quartos, 24 anos).

A primeira impressão que podemos reter quando analisamos o quadro 5 e o quadro 8 (Anexo II) é que a maioria destes jovens não tem exercido atividades diferentes durante o seu trajeto no mercado de trabalho.

De uma maneira geral, os jovens que alteraram o seu percurso profissional, correspondeu a uma melhoria na situação contratual, no tipo de atividade desempenhada ou no valor do rendimento auferido. Por exemplo, o Afonso, com o 9.º ano completo, iniciou o seu percurso profissional como trabalhador não qualificado da construção civil, era servente da construção civil, com um contrato de trabalho sem termo. De seguida foi trabalhar para uma carpintaria, onde faz a entrega dos móveis nos clientes e respetivas montagens. Assinou vários contratos a termo certo e agora encontra-se efetivo, recebe à volta de 650 euros por mês, mais as horas extraordinárias que são pagas, chegando a acumular 850 euros. Tendo em conta o seu ponto de partida, e embora tenha recebido um rendimento superior como servente, a verdade é que a atividade que desempenha hoje em dia é, fisicamente menos desgastante e mais valorizada socialmente do que a primeira. O facto de estar perto da família constitui uma mais-valia para o jovem.

Em termos gerais, nenhum dos jovens teve um percurso descendente.

A ascensão de Teodoro esteve diretamente relacionada com a sua formação em contexto laboral através da qual conseguiu atingir um percurso de mobilidade profissional ascendente, pondo de lado o trabalho manual que habitualmente exercia, para passar a manobrar uma máquina e obtendo assim uma remuneração mais compensatória.

A ascensão de Susana embora não esteja diretamente relacionada com a sua formação em contexto laboral, mas sim com o facto de se ter casado com o seu superior, pondo de parte a sua tarefa de ajudante de cozinha, para passar a ser cozinheira.

A maioria dos entrevistados experienciou apenas um percurso profissional, mantendo até à data a mesma atividade profissional.

Nenhum deles viu as suas condições de trabalho alteradas desde o início do seu desempenho, nem houve quaisquer melhorias no nível funcional ou remuneratório.

Duas das jovens entrevistadas continuam a trabalhar sem qualquer tipo de vínculo contratual e as suas atividades enquadram-se no setor agrícola.

Andreia e Dora sempre trabalharam no campo e estando numa situação profissional precária, é curioso o facto de não se sentirem inseguras quanto ao seu futuro profissional, mesmo não tendo qualquer tipo de vínculo contratual com o seu empregador.

De facto, a esmagadora maioria dos entrevistados é bastante realista nos objetivos que pretende atingir. Nenhum deles traçou um plano de vida ambicioso, embora o pudesse fazer (Quadro 6).

Quadro 6 – Trajeto e aspirações profissionais dos alunos do Curso de Serviços Sociais (Apoio a Idosos)

Nome	Aspirações Profissionais (M1)	Profissão Atual e outras profissões exercidas (M4)	Aspirações Profissionais (M4)
Tomás	Mecânico	Distribuidor de publicidade	Proprietário de oficina automóvel
Dinis	Mecânico	Trabalhador Agrícola	
Cristóvão	Jardineiro	Desempenha diversas funções em Hotel	Chefe de hotelaria
Carlota	Cabeleireira	Empregada de limpeza	
Dora	Auxiliar de Idosos	Trabalhadora Agrícola	Cabeleireira
Elisa	Esteticista	Auxiliar de Lar de Idosos	Cabeleireira
Afonso	Bombeiro	Ajudante de carpintaria (Servente da construção civil)	Bombeiro
Susana	Cabeleireira	Cozinheira de Hotel	Cabeleireira
Rute	Cabeleireira	Ajudante cozinha	Cabeleireira
Carlos	Polícia	Operador Comunicação Bombeiros	Polícia/GNR
Maria	Veterinária	(Bailarina)	(*)
Rui	Auxiliar de Idosos	Servente da Construção Civil	(*)
Laura	Auxiliar de Idosos	Empregada de café	(*)
Jaime	Jardineiro	Trabalhador Agrícola	(*)
Marlene	Auxiliar de Idosos	Empregada de limpeza	(*)
Sofia	Fotógrafa	(Bailarina)	(*)

Se analisarmos as aspirações profissionais no Momento 1 (M1) e as mesmas no Momento 4 (M4) verificamos que a maioria dos entrevistados se terá conformado com a sua profissão e a mudança de área profissional não terá sido equacionada.

Quadro 7 – Trajeto e aspirações profissionais dos alunos do Curso de Serviços Sociais (Apoio a Crianças)

Nome	Aspirações Profissionais (M1)	Profissão Atual (outras profissões exercidas) (M4)	Aspirações Profissionais (M4)
Andreia	Auxiliar de Crianças	(Trabalhadora Agrícola)	Auxiliar de Crianças
João	Polícia	Servente da Construção Civil	Polícia
Madalena	Engenheira Mecânica	(Copeira de restaurante)	Auxiliar de Crianças
Silvia	Esteticista	Copeira de Hotel	Ramo da hotelaria
Teodoro	NS	Maquinista em empresa (Servente da Construção Civil)	NS
Luís	Mecânico	Cozinheiro de Hotel	(*)
Aurora	Atriz	Copeira	(*)
Simão	NS	Empregado de Hotel	(*)
Guilherme	Camionista	Servente de Construção Civil	(*)
Luísa	Advogada	(Trabalhadora Agrícola)	(*)
Silvana	NS	(Trabalhadora Agrícola)	(*)
Henrique	NS	Encarregado de Construção Civil	(*)
Diogo	Cozinheiro	Pasteleiro	(*)
António	Padeiro	Servente na Construção Civil	(*)

Nota: (*) Não temos essa informação.

Em relação ao quadro 7, verifica-se que a profissão atual destes jovens se tem mantido a mesma ao longo destes sete anos e não foi possível obter a informação relativa às suas aspirações profissionais uma vez que não foram entrevistados.

Como afirmou Carvalho (1998), a maioria dos jovens com dificuldades cresce num campo de escolhas reduzido, que corresponde ao seu meio sociocultural, profissão dos pais e sobretudo às profissões reencontradas na vida quotidiana. O trabalho no campo experienciado pela maioria destes jovens, já aparece como uma herança de seus pais e os trabalhos em hotelaria, uma herança de irmãos mais velhos. Esta realidade que se encontra próxima destes jovens fará com que cresçam as suas probabilidades de virem, um dia, a experienciar estes trabalhos.

“Fui logo trabalhar para o hotel, foi o meu irmão que me arranhou este trabalho, a mim e à minha irmã” (Rute, 6.º ano completo, ajudante de cozinha, 27 anos).

“Foi através dos meus irmãos que também apanham fruta e trabalham na lenha” (Dinis, 6.º ano completo, trabalhador agrícola, 23 anos).

“...já estava previsto de ir para a Suíça, eu já tinha a minha irmã que me tinha chamado para ir para a Suíça...” (Cristóvão, 6.º ano completo, empregado de hotel, 24 anos).

Carlos, por outro lado, não herdou nenhuma profissão da família e conseguiu atingir uma posição no mercado de trabalho relativamente confortável, do ponto de vista contratual, no entanto gostaria de alcançar aquele que foi sempre o seu objetivo, conseguir entrar numa força de segurança pública (P.S.P. ou G.N.R.). Para tal aumentou os recursos escolares que possuía, completando o 12.º ano de escolaridade através das “Novas Oportunidades” para participar na abertura do concurso público.

No caso de Susana, a jovem que pretende regressar à escola e aumentar o seu capital escolar, não está relacionado com o facto de melhorar as suas oportunidades de emprego, nem ter acesso a uma profissão desejada, o único objetivo será concluir o 9.º de escolaridade.

Para muitos jovens a escolarização, e neste caso concreto, o 6.º ano aparece como um meio possível para atingir o mundo do trabalho.

“...só fui tirar o 6.º ano porque na altura eu queria ir trabalhar para a Câmara precisava e eles pediam o 6.º ano” (Tomás, 9.º ano completo, distribuidor de publicidade, 26 anos).

Em relação a novas áreas profissionais que estes jovens gostariam de experienciar, foram referidas as mesmas profissões de há sete anos atrás, profissões essas mencionadas num questionário ao qual tinham respondido.

Apenas o Afonso e o Dinis não revelaram intenção de trabalhar numa área diferente da sua, manifestando uma certa conformidade com as atividades que realizam.

“...gostava de trabalhar numa oficina minha, mas é muito difícil. Gostava de ser eu o patrão e ganhar para mim” (Tomás, 9.º ano completo, distribuidor de publicidade, 26 anos).

“Eu quando saí da escola ainda podia ter concorrido (P.S.P.), ainda pediam o 9.º ano...” (João, 9.º ano completo, servente da construção civil, 26 anos).

“Gostava de trabalhar com crianças. Quando abriu o centro escolar, inscrevi-me e tudo mas não me chamaram, mas gostava” (Andreia, 9.º ano concluído, desempregada, 26 anos).

“Querida arranjar trabalho na área do curso” (Madalena, 9.º ano completo desempregada, 25 anos).

Em relação aos planos de vida futuros, a maioria dos entrevistados referiu o casamento, a parentalidade, a emigração e a compra de uma casa, como fazendo parte desses mesmos planos, à exceção de Sílvia que pretende viajar para conhecer a Europa.

“Oui, pelo menos dois filhos...gostava de fazer cá uma casa para vir para cá morar” (Cristóvão, 6.º ano completo, empregado de hotel, 24 anos).

“Ter uma menina, se sair” (Afonso, 9.º ano completo, ajudante de carpintaria, 25 anos).

“Casar, sim. Também já pensei em emigrar, ela é que não quer ir, por mim já lá estava (Suíça)” (Carlos 12.º ano completo operador de comunicações, 26 anos).

“Sim, mais um, não quero que ele seja filho único como eu” (Andreia, 9.º ano concluído, desempregada, 26 anos).

“Ter filhos, no máximo três e comprar casa em Tarouca” (Madalena, 9.º ano completo desempregada, 25 anos).

CONCLUSÕES

O principal objectivo deste estudo consistiu na análise dos percursos escolares e profissionais de jovens com baixas qualificações, sendo que a maioria frequentou e completou o 9.º ano de escolaridade. Pretendeu-se relacionar esses percursos escolares com os trajectos profissionais dos entrevistados.

A análise aprofundada das entrevistas permite-nos saber que os jovens que abandonaram a escola precocemente possuíam experiências escolares marcadas pelo desinteresse e pelo insucesso, são originários de classes sociais desfavorecidas e são filhos de trabalhadores pouco qualificados.

Por outro lado, foi a passagem por uma turma PIEF/CEF, que possibilitou a muitos destes jovens completar a escolaridade básica.

O insucesso escolar experienciado por estes jovens contribuiu para o seu afastamento do sistema de ensino e incentivou-os a procurar alternativas ao sistema de ensino, nomeadamente, a procura do primeiro emprego. O insucesso escolar e a desvalorização da permanência na escola tornaram a decisão dos jovens de abandonar a escola, bastante clara. O abandono escolar foi, neste sentido, explicado pela vontade ou obrigação sentida pelos jovens de alcançar independência financeira, decisão aparentemente aceite pelos pais e, por outro, desconhece-se qualquer intervenção da comunidade escolar, bem como a total discrepância entre os cursos propostos aos alunos e as suas aspirações profissionais. Deste modo, podemos atribuir uma certa culpa à comunidade escolar que não soube ir ao encontro das expectativas profissionais destes jovens.

Com condições sociais desfavorecidas e não tendo alcançado o sucesso escolar, os percursos profissionais acabaram por reflectir os percursos escolares. Contudo, ao longo do percurso laboral, em geral, apesar de terem ingressado no mercado de trabalho com fracos recursos escolares, afirmaram ter melhorado a sua situação económica e, em alguns casos, ajudado a família.

Relativamente às experiências profissionais, a maioria dos entrevistados experienciou uma única atividade profissional ou então permaneceu em atividades da mesma área.

Quanto à questão da situação contratual, os jovens que não detêm qualquer tipo de contrato com a sua empresa ou empregador, não demonstraram qualquer tipo de insegurança face a esta situação, talvez por um dos elementos do agregado familiar ter contrato laboral.

A constituição de família é apontada pela maioria dos entrevistados como sendo um acontecimento de grande importância, embora alguns revelem ainda não estarem preparados para dar esse passo.

A forma como a maioria dos jovens projeta o seu futuro a nível profissional revela um certo realismo, na medida em que as suas aspirações profissionais não se afastam muito das atividades exercidas no momento. Por esta razão, muitos deles, afirmam não ter a intenção de regressar à escola, para aumentar os seus recursos escolares.

As limitações deste estudo estão relacionadas com a nossa amostra, referente a um número reduzido do universo de jovens com fracos recursos escolares. Deste modo, os resultados não devem ser generalizados, embora caracterizem a realidade de um grupo de jovens, que pode ser comum a muitos outros jovens, de outras zonas do país.

Seria importante alargar este estudo a outros jovens de diferentes zonas do país, e fazer o cruzamento dos respectivos dados, assim como analisar a participação dos pais dos jovens no percurso escolar.

Apesar das limitações, este estudo será um contributo para o conhecimento e a reflexão sobre a realidade de jovens provenientes de classes sociais desfavorecidas, com baixas qualificações escolares e que ingressam o mercado de trabalho e para alargar o conhecimento sobre a realidade dos percursos juvenis marcados pelo insucesso e abandono escolares.

Com os resultados obtidos, pretendemos incentivar os agentes educativos do concelho de Tarouca e, também de outros concelhos, a criarem estratégias e incentivos que possibilitem a permanência destes jovens no sistema de ensino.

Pretendemos dar a conhecer as conclusões e aprendizagens que realizámos neste estudo, como forma, de incentivar novas investigações nesta área.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abrantes, Pedro (2001a), *Currículo Nacional do Ensino Básico, Competências Essenciais*, Lisboa, Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica.

Abrantes, Pedro, Cristina Roldão, Patrícia Amaral e Rosário Mauritti (2013), “Born to fail? Some Lessons from a national programme to improve education in poor districts”, *International Studies in Sociology of Education*, 23 (1), pp.17-38.

Almeida, Leandro, Teresa Freire (2008), *Metodologia da investigação em psicologia da educação* (5ª ed.), Braga, Psiquilibrios.

Alves, Nuno de Almeida, Frederico Cantante, Inês Baptista, Renato Miguel do Carmo (2011), *Jovens em transições precárias: trabalho, quotidiano e futuro*, Lisboa, Mundos Sociais.

Azevedo, Joaquim (1999), *Inserção precoce de jovens no mercado de trabalho*, Lisboa, Coleção Cadernos PEETI – Volume I.

Azevedo, Joaquim, Fonseca, António M. (2007), *Imprevisíveis itinerários de transição escola-trabalho: A expressão de uma outra sociedade*, Fundação Calouste Gulbenkian.

Bardin, Laurence (2004), *Análise de conteúdo*, Lisboa, Edições 70.

Bell, Judith (2004), *Como realizar um projeto de investigação* (3ª ed.), Lisboa Gradiva.

Benavente, Ana, Campiche, Jean, Seabra, Teresa, Sebastião, João (1994). *Renunciar à escola - o abandono escolar no ensino básico*. Lisboa: Fim de Século.

Benavente, Ana (1996), *A literacia em Portugal: resultados de uma pesquisa extensiva e monográfica* / coord. Ana Benavente; Alexandre Rosa, António Firmino da Costa e Patrícia Avila, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Bogdan, Robert & Biklen, Sari (1999), *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*, Porto, Porto Editora.

Capucha, Luís (2005b), *Desafios da Pobreza*, Oeiras, Celta Editora.

Capucha, Luís (2010), “Acesso universal a qualificações certificadas: para a rutura da relação entre insucesso escolar e desigualdades sociais”, *Fórum Sociológico*, nº 20, pp. 47-55.

Carvalho, Angelina (1998), *Da escola ao mundo do trabalho: uma passagem incerta*, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional.

Diogo, Ana Matias e Fernando Diogo (orgs.) (2013), *Desigualdades no sistema educativo, percursos, transições e contextos*, Lisboa, Editora Mundos Sociais.

Duarte, Maria Isabel Ramos (2000), *Alunos e insucesso escolar: um mundo a descobrir*, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional.

Fernandes, P.M.P. de S. (1999), *A escola e seus protagonistas: insucesso escolar em contexto rural*, Braga, Universidade do Minho.

Ferrão, João e Fernando Honório (coord.) (2000), *Saída Prematura do Sistema Educativo: aspetos da situação, causas e perspectivas em termos de emprego e formação, estudos e análises*, nº36, Lisboa, IEF, Observatório do Emprego e da Formação Profissional.

Fonseca, Vítor da (1999), *Insucesso escolar*, Lisboa, Âncora Editora.

Guerreiro, Maria das Dores e Elsa Pegado (coord.) (2006), *Os jovens e o mercado de trabalho: caracterização, estrangulamento à integração efetiva na vida ativa e eficácia das políticas*, Lisboa, Ministério do Trabalho e da Segurança social, Direção Geral de Estudos, Estatística e Planeamento, Coleção Cogitum, n.º 18.

Guerreiro, Maria das Dores, Pedro Abrantes (2007), *Transições Incertas: os jovens perante o trabalho e a família*, Lisboa, Estudos.

Guerreiro, Maria das Dores, Frederico Cantante e Margarida Barroso (2009), *Trajétoérias escolares e profissionais de jovens com baixas qualificações*, Lisboa, GEPE.

Nevala e outros (2011), *Redução do Abandono Escolar Precoce na União Europeia, Bruxelas*, em http://ec.europa.eu/education/pdf/doc284_en.pdf

Giddens, Anthony (2000), *Sociologia*, 2.ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian [edição original: 1997].

Lopes, J.P. (2002), *Alunos com dificuldades de aprendizagem: da teoria à prática*, Vila Real, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Lyche, C. (2010), *Taking on the Completion Challenge: A Literature Review on Policies to Prevent Dropout and Early School Leaving*, OCDE Education Working Papers, NO.53, OECD Publishing em <http://dx.doi.org/10.1787/5km4m2t59cmr-en>

Macedo, Alberto (2004), *Jovens sem escolhas: Três anos a viver o Programa Escolhas*, Lisboa, Edição de autor.

Macedo, L.M.S. (1999), *Insucesso na escola*, Braga, Universidade do Minho, Tese de Doutoramento.

Machado, Ercília Maria Leão da Silva (2012), CEF. *Que pedagogia? As vozes dos atores educativos*, Braga, Universidade do Minho, Tese de Mestrado em Ciências da Educação.

Martins, Susana (2012), *Escolas e Estudantes da Europa: Estruturas, Recursos e Políticas de Educação*, Lisboa, Editora Mundos Sociais.

Mateus, Sandra (2002), "Futuros prováveis: um olhar sociológico sobre os projetos de futuro no 9.º ano", *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 39, pp. 117-149.

Merriam, Sharan (1998), *Case Study Research in Education: a Qualitative Approach* San Francisco: Jossey-Bass.

Moreira, Sandra Maria Garcez (2014), Plano Integrado de Educação e Formação, Universidade Fernando Pessoa, Tese de Mestrado.

Nascimento, Maria João da Silva (2008), *Caracterização do Trabalho Infantil em Contexto Rural, Estudos Sociológicos da Criança*, Universidade do Minho, Tese de Doutoramento.

OECD (2014), NEET: Neither Employed, nor in Education and Training Source:, *Education at a Glance 2014: OECD Indicators*, OECD Publishing, Paris, em

<http://dx.doi.org/10.1787/eag2014-en>

<http://pordata.pt/Portugal/Taxa+de+abandono+precoce+educação>

Pais, José Machado (2001), *Ganchos, Tachos e Biscates: Jovens, Trabalho e Futuro*, Porto, Âmbar.

Palmeirão, Cristina M.G. da Costa (1999), *Insucesso escolar, um fator de exclusão, As cidades e os rostos da exclusão*, Porto, Universidade Portucalense, dissertação de Mestrado.

Peixoto, Luís Manuel (1999), *Autoestima, Inteligência e sucesso escolar*, Braga, Edições APPACDM Distrital de Braga.

PETI (2008), *10 anos de combate à exploração do trabalho infantil em Portugal*, Lisboa, Ministério do Trabalho da Solidariedade Social.

Quivy, Raymond & Luc Van Campenhoudt (2003), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva.

Santos, A. e Alves J. (2008) *Caminhos para a saída. Fatores que contribuem para o abandono escolar do ensino secundário em escolas de Vila Nova de Gaia: A perspetiva dos jovens*. Revista Portuguesa de Investigação Educacional, Nº 7/2008. Lisboa: Universidade Católica Editora.

Seabra, Teresa (2008) Desempenho escolar, desigualdades sociais e etnicidade: os descendentes de imigrantes indianos e cabo-verdianos no ensino básico em Portugal, Lisboa: ISCTE, Tese de doutoramento. Disponível em <http://hdl.handle.net/10071/2544>.

Sebastião, João (2007), *Democratização do ensino, desigualdades sociais e trajetórias escolares*, tese de doutoramento, Lisboa, ISCTE.

<http://www.cedefop.europa.eu>. early leaving from education and training for foreign-born and foreign young, 2010

<http://www.oecd.org/edu/eag2008>

<http://ec.europa.eu/Eurostat/web/products-statistical-books/-/978-92-9201-242-7>

<http://cdp.portodigital.pt/educacao-e-formacao/ensino-basico-e-secundario/modalidades-de-ensino/cursos-de-educacao-e-formacao-de-jovens>

Ministério do Trabalho e da Segurança Social, Ministério da Educação, Iniciativa Novas Oportunidades – apresentação, em <http://w.w.w.portugal.gov.pt>

Yin, Robert (2005), *Case Study Research: Design and Methods* (2ª Ed.). Thousand Oaks, CA: SAGE Publications.

ANEXOS

Anexo I- Guião da Entrevista

A entrevista será gravada com a tua autorização, mas será mantida a tua confidencialidade. Trata-se de uma entrevista no âmbito do conhecimento dos percursos dos jovens provenientes de turmas PIEF da Escola E.B 2,3/S de Tarouca.

1. Caracterização pessoal

	Nome	Cônjuge	Filhos
Sexo			
Idade			
Habilitações escolares			
Naturalidade			
Residência			

2. Composição do agregado familiar

- Vive só;
- Vive com pais e familiares;
- Vive com amigos;
- Casado com filhos/sem filhos;
- Em união de facto com filhos/sem filhos;
- Divorciado com filhos/sem filhos.

3. Situação profissional

3.1 Neste momento, qual é a tua profissão?

3.2 Que atividades desempenhas no teu local de trabalho?

3.3 Que tipo de contrato tens com a tua entidade patronal? (ex: contrato de trabalho com ou sem termo; contrato de trabalho temporário; recibo verde ou prestação de serviços)

3.4 A que área pertence a tua empresa/organismo?

3.5 Como é que teve conhecimento e obteve este trabalho? (resposta a anúncios; candidatura espontânea; centro de emprego; rede de relações familiares e pessoais)

3.6 Qual o valor do teu rendimento líquido/ilíquido?

3.7 Qual o valor do rendimento líquido/ilíquido do agregado familiar?

4. Educação e formação escolar

Tenho conhecimento que completaste o 9.º ano de escolaridade.

4.1 Regressaste à escola? Se sim, quais são as tuas metas a atingir? Se não, não pensas um dia regressar à escola?

4.2 Que tipo de relação mantinhas com a escola? Gostavas de frequentar a escola? Somente frequentavas porque eras obrigado? Gostavas de frequentar a escola para interagires com os teus colegas?

4.3 Qual ou quais os motivos que te levaram a abandonar a escola, após teres concluído o 9.º ano de escolaridade? (necessidade de arranjar um emprego para alcançar uma autonomia dos progenitores, necessidade de contribuir para o orçamento familiar, constituição precoce de família; nascimento de um filho não planeado, outros motivos...)

5. Situação de autonomia/dependência

5.1 Neste momento, a tua família ajuda-te financeiramente para que consigas fazer face às despesas do dia-a-dia, ou por outro lado, tu próprio contribuis para o orçamento do agregado familiar?

6. Aspirações e expetativas profissionais

6.1 Gostavas de trabalhar noutra área, diferente da que trabalhas neste momento?

7. Planos de vida gerais (casar, ter filhos, emigrar...)

7.1 Gostavas de casar, ter filhos, comprar casa, emigrar?

Muito obrigada pela tua colaboração.

Anexo II - Transcrição da entrevista n.º 1

Nome: Tiago Idade: 26 anos Habilitações: 9.º ano de escolaridade

Naturalidade: Mondim da Beira (Tarouca) Residência: Tarouca

P: Neste momento, com quem vives?

R: Com a minha companheira e a minha filha...e já vem outro a caminho!

P: A tua companheira está grávida?

R: Sim, de quatro meses...

P: E já sabem o sexo do bebé?

R: Vai ser um menino...

P: Parabéns, vais ficar com um casalinho! Planeaste ter um segundo filho?

R: Não, já o primeiro também não foi planeado, veio sem contar e este também...

P: E o que é que fazes para garantir o sustento da tua família?

R: Sou distribuidor de publicidade.

P: Então a tua função é distribuir publicidade por determinados locais?

R: Sim, mas agora até estou de baixa porque me magoei numa perna...

P: Mas estás a receber?

R: Não!

P: Então não tens contrato com a tua empresa?

R: Não, nada...

P: Passas recibo verde?

R: Não.

P: Então não existes enquanto trabalhador para a tua empresa?

R: Não.

P: Essa situação não te preocupa? Saberes que se tiveres um acidente de trabalho não tens direito a baixa médica ou se ficares desempregado, não tens direito a subsídio de desemprego?

R: Pois...foi o que me aconteceu agora...estou em casa sem receber nada.

P: A que área pertence a tua empresa?

R: Pertence à área da publicidade.

P: Como é que tiveste conhecimento desta ocupação?

R: Foi através de um colega meu que já trabalhava para esta empresa.

P: Há quanto tempo trabalhas nessa empresa?

R: Desde 2006.

P: E qual é o valor do teu rendimento mensal?

R: Mais ou menos 350 euros.

P: E o valor do teu rendimento mensal e o da tua companheira?

R: Mais ou menos 850 euros.

P: E com este rendimento consegues fazer face tuas às despesas?

R: É assim...Passar fome, não se passa, arranja-se sempre alguma coisa para comer, mas também não há fartura!

P: Recordo-me que na altura que pertenceste à turma PIEF que foste expulso da escola e foi-te dada a oportunidade para concluíres o 6.º ano fora da escola. O que aconteceu depois disso?

R: Depois andei a terminar o curso cá fora, andei a fazer uns trabalhos na Câmara e lá consegui acabar o 6.º ano. Eu não era má pessoa, mas as companhias é que estragavam tudo. Eu uma vez defendi a professora, lembra-se disso?

P: Claro que me lembro. Podes agradecer ao teu colega terem sido expulsos da escola!

R: Pois...mas eu não tive culpa nenhuma, mas como andava com ele, lixava-me sempre!

P: E mais tarde regressaste à escola?

R: Sim, para tirar o 9.º ano. Fui tirar o curso de Jardinagem e Espaços Verdes em Lamego, acho que era assim que se chamava o curso, já não me lembro muito bem e era através da Escola Profissional de Vila Real. E olhe que acabei com nível 4, eu não andava lá a brincar, foi uma coisa séria (afirmou todo orgulhoso).

P: Tu sempre tiveste capacidades para tirar boas notas, tu é que não soubeste aproveitá-las da melhor forma. Como defines a relação que mantinhas com a escola?

R: Eu nunca gostei de andar na escola, eu só lá andava porque na altura eu queria ir trabalhar para a Câmara e eles pediam o 6.º ano.

P: Chegaste a repetir algum ano?

R: Sim, no 5.º e 6.º ano.

P: Após teres concluído o 9.º ano de escolaridade, porque é que saíste da escola?

R: Porque queria arranjar um trabalho para não depender dos meus pais
Quando fiz o 6.º ano fui trabalhar para os bombeiros...

P: Durante quanto tempo?

R:: Um ano. E depois trabalhei meio ano no campo.

P: E a tua família ajuda-te financeiramente?

R: Não, nem eles me ajudam, nem eu os ajudo a eles.

P: Gostavas de um dia regressar à escola?

R: Voltar para a escola não quero, mas gostava de trabalhar numa oficina
minha, mas é muito difícil...gostava de ser eu o patrão e de ganhar para mim.

P: E emigrar?

R: Não, nem pensar...não quero sair de Tarouca, gosto de viver aqui.

P: Obrigada pela tua colaboração e desejo-te as maiores felicidades a ti e à tua
família.

R: Obrigado professora, apareça quando quiser!

Anexo III – Transcrição da entrevista n.º 2

Nome: Elsa Idade: 24 anos Habilitações: 9.º ano de escolaridade

Naturalidade: Gouveães (Tarouca) Residência: Castanheiro do
Ouro (Tarouca)

P: Neste momento, com quem vives?

R: Vivo com o meu marido e a minha filha.

P: És casada?

R: Não cheguei a casar...

P: Qual é a tua profissão?

R: Auxiliar de Serviços Gerais num Lar de Idosos.

P: E o que faz uma Auxiliar de Serviços Gerais?

R: Fazemos de tudo um pouco...higiene dos idosos, alimentação tratar da
roupa, limpeza do lar...

P: Que tipo de contrato de trabalho tens?

R: Estou efetiva.

P: Trabalhas nesse sítio há quanto tempo?

R: Vai fazer 5 anos.

P: A que área pertence o Lar de Idosos?

R: À Segurança Social.

P: Como é que tiveste conhecimento deste trabalho?

R: Foi o Padre Matias que me perguntou se eu queria ir trabalhar para lá.

P: Qual o rendimento mensal pago pelo Lar?

R: 505 euros

P: O teu marido trabalha?

R: Sim, é GNR.

P: Qual o valor dos vossos rendimentos mensais juntos?

R: 1500 euros.

P: Tenho conhecimento que completaste o 9.º ano de escolaridade e mais tarde regressaste à escola?

R: Não...

P: E gostarias de regressar? Quem sabe para completares o 12.º ano?

R: Eu gostava de fazer o 12.º ano mas agora é mais difícil porque tenho uma filha e trabalho por turnos. Mas um dia quem sabe...

P: Qual era a relação que mantinhas com a escola?

R: Para mim a escola era para fazer o 9.º ano, mas gostava de conviver com os meus colegas.

P: Ou seja, o teu objetivo sempre foi concluir o 9.º ano e depois saíres.

R: Sim...depois já tinha quase 18 anos e tinha que ajudar em casa, a minha mãe estava grávida e sofria da cabeça e eu tinha que ajudar o meu irmão.

P: Quantos irmãos tens?

R: Dois, o Constantino e a Guia.

P: Então saíste da escola para ajudares a tua mãe que estava grávida e doente e para cuidares do teu irmão?

R: Sim, eu não me sentia bem na escola e a minha mãe estar em casa a precisar da minha ajuda.

P: E o teu pai?

R: O meu pai trabalhava na construção civil e às vezes trabalhava longe de casa.

P: Atualmente ajudas financeiramente os teus pais?

R: Sim, quando eles precisam. O meu pai nem sempre tem trabalho e de vez em quando pede-nos dinheiro emprestado e depois paga-nos.

P: Gostavas um dia de oficializar a tua relação?

R: Sim, gostava de casar pela Igreja.

P: E ter mais filhos?

R: Sim, um menino.

P: Já alguma vez pensaste em emigrar?

R: Enquanto tiver trabalho aqui, não. Mas, um dia se eu ficasse desempregada e não conseguisse sustentar a minha filha, teria que ser, mas por mim ficava por aqui.

P: Muito obrigada pela tua participação e muitas felicidades para a tua família!

R: De nada.

P: E obrigada por teres contactado alguns dos teus colegas, foi uma ajuda preciosa.

R: Não custou nada...

Anexo IV – Transcrição da entrevista n.º 3

Nome: Daniela Idade: 23 anos Habilitações: 9.º ano de escolaridade

Naturalidade: Gondomar (Tarouca) Residência: Valverde (Tarouca)

P: Neste momento, com quem estás a viver?

R: Com o meu marido e com o filho dele.

P: Que idade é que ele tem?

R: Ele tem 13 anos.

P: Já é crescido!

R: Já.

P: Onde é que te encontras a trabalhar?

R: No campo.

P: Estás a trabalhar no campo?

R: Sim. Dou uns dias...não é certo...dou uns dias quando há, agora na fruta, Agosto, a partir de Setembro é o mês praticamente todo, Setembro e meios de Outubro.

P: E depois páras?

R: Sim, depois paro.

P: E depois retomas quando, mais ou menos?

R: Depois quando...se houver assim lenha para apanhar, vou ou quando houver algum trabalho no campo.

P: Mas trabalhas sempre no campo?

R: Sim, sim.

P: Então e quanto é que se ganha na apanha da fruta?

R: 25 a 30 euros, 8h.

P: E na lenha, é a mesma coisa?

R: Igual.

P: Mas não é um trabalho diário.

R: Não, não, é só quando há.

P: E tens algum tipo de contrato?

R: Não, não, temos seguro se nos aleijarmos ou assim, temos seguro, que eu já me cheguei a aleijar e tive seguro. Agora contratos, não fazemos contrato nenhum.

P: Como é que tiveste conhecimento esses trabalhos da apanha da fruta e da lenha?

R: É na minha terra e foi através da minha mãe e da minha irmã.

P: A tua mãe já apanhava fruta e a tua irmã também?

R: Sim e depois eu fui para lá, conheço os senhores, o senhor falou comigo, se queria ir e até agora, que ando lá.

P: Isto já lá vão...Lembraste há quantos anos já terminaste o 9.º ano de escolaridade?

R: 6, 7 anos?

P: Então já há 7 anos que apanhas fruta. Aliás já na altura apanhavas fruta!

R: Sim, nas férias já ia.

P: Tens ideia, por exemplo quando trabalhas o mês todo, quanto é que ganhas ao fim do mês? Imagina um mês em que trabalhes todos os dias. Achas que consegues tirar um ordenado mínimo ou ainda mais?

R: Dando horas e tudo, chego a tirar mais, às vezes, damos 8he ainda nos pede para compormos fruta no armazém, que eu também às vezes faço isso.

P: Compormos fruta no armazém? Explica-me lá isso?

R: Em tabuleiros, selecionar a fruta, dividir por médio, grande, tamanhos, por calibres e às vezes dou horas e faço mais.

P: Diz-me um valor aproximado?

R: às vezes 500 e poucos 600 e poucos...depende, com horas deve dar 600 e poucos, se for um mês. Sem horas, pr' aí 500, 500 e pouco.

P: Ok. E tu e o teu marido juntos, quanto é que ganham por mês?

R: Se eu trabalhar? 1000, prai 1000 e poucos euros, fora, porque ele tem um empregado, tem descontos, tem tudo, ele faz trabalhos, não pode, pronto...

P: Ou seja, não recebe todos os meses o mesmo valor, varia consoante os trabalhos que ele executa na construção civil, não é?

R: Sim e depois há pessoas que não lhe pagam logo, ficam meses...até tem pessoas, anos e anos que nunca lhe pagaram.

P: Eu sei que é difícil de calcular um valor mensal.

R: Se o trabalho correr bem e lhe pagarem logo há trabalhos que correm bem e pagam logo, tira mais, ele sozinho às vezes tira mais.

P: Desde que terminaste o 9.º ano de escolaridade, regressaste à escola?

R: Não, fui logo pra França.

P: E o que foste fazer para França?

R: Tive lá três meses e meio, tive a apanhar morangos em estufas., com o meu irmão e a minha cunhada.

P: Sim e então? Não gostaste?

R: Gostei de lá estar.

P: Mas foi pouco tempo!

R: Foi...

P: Não conseguiste arranjar mais nada, para ficares lá a trabalhar?

R: Arranjava, ó que só era pra mim e eu pra ir pra lá sozinha não, o meu irmão e a minha cunhada fizeram outra vida foram para outros lugares e eu pra ficar lá sozinha não quis. Mas podia ir que me arranjavam lá trabalho, mas sozinha pra lá, não conhecia nada, não quis ir.

P: Claro, claro, é compreensível, também não sabias falar a língua, era mais complicado! Não regressaste à escola, mas gostarias de um dia regressar? Para completares o 12.º ano?

R: Talvez um dia mais tarde. Às vezes falo disso com a Elsa.

P Na altura em que frequentaste o 9.º ano gostaste de andar na escola?

R: Gostei.

P: E interagias com os teus colegas?

R: Com alguns, outros não.

P: Mas andavas na escola porque gostavas ou porque eras obrigada?

R: No princípio fui praticamente obrigada, não nego, porque eu não queria ir mais pra escola, mas depois gostei de conhecer...gostei.

P: Ainda te lembras quantas vezes reprovaste na escola? E em que anos?

R: No 5.º reprovei logo e no 6.º também e depois fui para o curso.

P: Duas vezes então. E o que é que te levou a saíres da escola? Porque é que não continuaste a estudar?

R: Na altura também não dava...os meus pais e assim...prontos...no curso ainda tive...prontos, aquela ajuda ainda dava pra ir, depois eu continuar a escola não dava, via os meus pais na situação que estavam e não dava.

P: Os teus pais não trabalhavam na altura?

R: Nem agora trabalham! A minha mãe tinha um menino pequenino, tem 9 anos, o meu pai primeiro bebia, mas já deixou o álcool há algum tempo, a minha mãe também já deixou, o meu pai não pode trabalhar, tem mesmo do médico...sofre...dá-lhe ataques e assim e não pode trabalhar, a minha mãe tem a minha tia deficiente e tem o meu irmão também não dá pra trabalhar, primeiro ainda recebiam qualquer coisa da Segurança Social, mas agora cortaram-lhe tudo e por causa...queriam obrigar a minha mãe a ir trabalhar, meter a minha tia num Centro de Dia e o meu irmão numa creche e assim e a minha mãe disse que isso não fazia.

P: Então tu e o teu marido estão a ajudá-los financeiramente?

R: Agora às vezes vamos juntos...ainda agora a minha mãe precisou de vir aqui a Lamego tem consulta às 10.30 em Lamego...quando podemos...a Lamego, Vila Real e assim, eu é que a levo pra todo o lado, ajudo-a e outro tipo de ajudas, financeiras por exemplo

P: Emprestas dinheiro à tua mãe?

R: Sim, se precisar se eu puder, prontos, eu posso e empresto e às vezes alguma coisa, prontos quando faz anos quando é alguma coisa...compro coisas e dou-lhe.

R: Roupa?

P: Sim. Fizeram obras lá em casa...a minha mãe e assim...prontos...os meus irmãos pagaram os materiais e o meu marido deu a mão-de-obra, andou lá de graça a trabalhar, pronto, eles só compraram o material.

R: Vais ajudando conforme podes!

P: Sim.

R: Já moras em união de facto com o teu companheiro, pensas em casar?

P: Não, casar-me não nem pela igreja.

R: E ter filhos?

P: Sim, 1, 2...depende.

R: E emigrar, gostavas de emigrar?

P: Talvez um dia, se não der por aqui! Sozinha não, mas se ele vir que não dá por aqui a vida, gostava de ir com ele.

R: Tinhas-me dito que estás a construir uma casa em Gondomar, então vais morar perto da tua mãe?

P: Quase. É logo ali ao cimo da capela. É uma casa velha e agora estamos a reconstruir. Em Valverde, o meu marido teve muitos problemas, primeiro quando se separou da ex-mulher e assim, pra dar dinheiro à ex-mulher, praticamente vendeu... a ex-mulher vendeu-lhe o filho a ele...uns problemas...e ele deu-lhe quase tudo o que tinha e não tinha para ficar com o filho, hipotecou casa, carros e assim e depois quando se viu livre pôs a casa em nome do filho e disse que um dia mais tarde que a casa era para o filho, não queria aquela casa e agora prontos...e o filho...agora ele sempre diz que quando eu namorava com ele que a casa era do filho e o filho tenha 18 anos e o pai possa-lhe entregar a casa, o filho fica com a casa.

R: E um dia gostavas de trabalhar noutra área, sem ser na fruta? Uma área que tu gostasses? Não eras tu que gostavas de ser cabeleireira?

P: Também gosto. Este ano vou ver se tiro a carta de condução e depois pode ser que apareçam outros trabalhos. Já estive pra ir para um cabeleireiro, só que pra ir a pé todos os dias e assim não dava.

R: Mais uma razão para te empenhares a tirar a carta de condução, pode-te abrir novos caminhos. Obrigada pela tua participação e desejo-te as maiores felicidades.

Anexo V – Transcrição da entrevista n.º 4

Nome: Ana Idade: 25 anos Habilitações: 9.º ano de escolaridade

Naturalidade: Gondomar (Tarouca) Residência: Gondomar
(Tarouca)

P: Neste momento, com quem vives?

R: Com o meu marido e com o meu filho.

P: Que idade tem o teu filho?

R: 3 anos.

P: Trabalhas?

R: Não.

P: Desde que terminaste o 9.º ano trabalhaste em alguma área?

R: Já, já fiz muitas coisas já trabalhei num restaurante.

P: Durante quanto tempo?

R: 15 dias, mais ou menos.

P: Mas não gostaste da experiência?

R: Eu gostei, o patrão é que não foi grande coisa e mandou-me embora.

P: Isso aconteceu passado quanto tempo de teres concluído o 9.ºano?

R: Eu sei lá...passado 2 anos ou 3.

P: E depois dessa experiência no restaurante trabalhaste em mais algum sítio?

R: Já tenho feito muitas coisas. Trabalho no campo. Já trabalhei em casa de uma senhora a fazer campo.

P: Durante quanto tempo?

R: É quase todos os anos, na altura da fruta.

P: Mais ou menos em que meses?

R: É agora a partir de Agosto até Outubro.

P: E trabalhas todos os dias?

R: Sim.

P: E quanto é que se ganha mais ou menos na apanha da fruta por dia?

R: 30 a 25, depende dos patrões.

P: Mais alguma experiência profissional?

R: Tenho feito várias formações, já fiz informática, esta última que fiz foi de operadora agrícola.

P: E já trabalhaste nessas áreas?

R: Agrícola, uma pessoa trabalha todos os dias!

P: Tens terrenos para cultivar?

R: Tenho.

P: Então acabas por estar sempre a trabalhar no campo!

R: Sim, é por isso que esta formação me deu jeito porque agora é obrigatório termos um cartão para deitar os pesticidas e os herbicidas e também por isso é que me chamaram. E junto o útil ao agradável!

P: Trabalhaste assim em mais alguma área?

R: Não.

P: Nestas atividades que desempenhaste, alguma vez tiveste algum tipo de contrato?

R: Não.

P: Na altura em que trabalhas na fruta, mais ou menos, qual é o valor mensal? Quanto é que recebes por mês, se trabalhares todos os dias?

R: Talvez uns 300, 350 euros mais ou menos, depende também dos dias que a gente trabalhar.

P: E juntando o teu rendimento ao do teu marido, quanto achas que será por mês?

R: Talvez uns 1500 euros. Sim, quando trabalhamos os dois, quando ele trabalha sozinho é mais complicado, 1000, outras vezes menos depende dos meses.

P: Ele trabalha em que área?

R: Ele é bombeiro. Por isso depende das noites e dos fins-de-semana que ele faça. O ordenado dele são 600 euros, mas com as noites e com os fins-de-semana é mais e vai até aos 800, 1000, depende. 1000, já não passa disso.

P: Terminaste o 9.º ano e chegaste a voltar à escola?

R: Não.

P: E não gostavas de regressar?

R: Ainda tive ideias de regressar, mas depois...

P: Para fazeres o 12.º ano?

R: Sim, ainda estou com esperança de tirar.

P: Na altura que frequentavas a escola, qual era a tua relação com a escola? Gostavas de lá andar? Andavas porque eras obrigada?

R: Talvez isso, andava mesmo porque era obrigada, na altura não ligava mesmo áquilo.

P: Não gostavas de conviver com os teus colegas?

R: Gostava, mas andava naquilo só mesmo pelos colegas porque para estudar, nunca servi para isso.

P: Então só te interessava concluir o 9.º ano?

R: É mesmo, porque assim que terminei o 9.º ano, saí logo da escola.

P: Mas saíste por algum motivo em especial?

R: Também tinha a minha avó que era a minha encarregada de educação e não tinha dinheiro para mim e para ir mais além e também...

P: Sentiste-te na obrigação de ir trabalhar para ajudar a tua avó?

R: Também...e ela também...sei lá...também tinha uma certa idade e eu não dava para os estudos, foi isso...

P: Lembraste de quantas vezes reprovaste na escola?

R: Reprovi no 6.º e no 7.º e no 8.º, por isso é que eu fiz aquele curso.

P: Então reprovaste três vezes, foi isso?

R: Sim.

P: Neste momento dependes financeiramente de alguém?

R: Do meu marido.

P: E vocês ajudam financeiramente alguém? Ficaste sem a tua avó, tens avô?

R: Não, tenho avós mas é da parte do meu pai, da parte da minha mãe já não tenho.

P: E ajudas esses avós?

R: Não, porque eles não precisam.

P: E da parte do teu marido, ajudam alguém? Os teus sogros?

R: Não, ele só tem mãe.

P: E não a ajudam financeiramente?

R: Não, o máximo que ajudamos é quando ela precisa de ir aos hospitais, ou vou eu, ou vai ele, a nível de transporte, quando ela não vai de ambulância.

P: Tens carta de condução?

R: Tenho

P: Então vais levar a tua sogra ao hospital, mas em termos financeiros, não forneces qualquer tipo de ajuda.

R: Não, não.

P: Já sei que tens um filho de 3 anos, gostavas de ter mais filhos?

R: Sim, mais um, não quero que ele seja filho único como eu.

P: E comprar casa?

R: Já tenho casa, ando a reconstruir, está quase pronta.

P: E emigrar?

R: Não.

P: Não faz parte dos teus planos? Não queres sair de Tarouca?

R: Não. Se saísse, só para aqui em Portugal, mas não tenho ideias de ir para outro sítio.

P: Gostas de viver aqui?

R: Sim, gosto. Ele também tem o emprego dele fixo e nós com o dinheiro que ele ganha, conseguimos nos orientar e não há necessidade de sair daqui.

P: E tens assim alguma área em que gostasses de trabalhar?

R: Gostava, com crianças.

P: Pois está relacionado com o curso que tiraste, mas nunca conseguiste trabalhar nessa área?

R: Quando abriu o Centro Escolar, inscrevi-me e tudo, mas nunca me chamaram, mas gostava.

P: Continua a tentar, pode ser que um dia tenhas a sorte de conseguir.

R: É...Agora também por enquanto não invisto num emprego porque estou a tomar conta de um tio, isso também me ocupa o dia.

P: Tomas conta do teu tio porquê?

R: O meu tio ficou viúvo e deu-lhe um AVC há 8 anos, faço a higiene dele e tudo, faço...prontos...os almoços, o jantar e assim, faço a lida da casa, lavo a roupa...

P: E recebes alguma coisa por esse trabalho?

R: Sim, ele paga-me.

P: Então tens um rendimento!

R: Sim, sim. Não é muito, mas é um ordenado. Depois ele dá as refeições todas, porque nós fazemos as refeições todas em casa dele.

P: Isso já é bom já ajuda no rendimento familiar.

R: Sim, fora as ajudas que ele nos dá, isso também conta...

P: Exatamente. Quero agradecer a tua participação e desejar-te muitas felicidades! Até uma próxima.

R: Gostei muito de a ver! Até uma próxima professora!

Anexo VI – Transcrição da entrevista n.º 5

Nome: Constantino Idade: 26 anos Habilitações: 9.º ano de escolaridade

Naturalidade: Tarouca Residência: Tarouca

P: Neste momento, com quem vives?

R: Com a minha namorada.

P: Que idade tem a tua namorada?

R: 26.

P: O que é que ela faz?

R: Contabilista.

P: E tu estás a trabalhar em quê?

R: Sou operador de comunicações.

P: Onde?

R: Nos bombeiros.

P: Há quanto tempo trabalhas como operador de comunicações?

R: 7 anos.

P: Então desde que saíste da escola!

R: Ainda nem tinha acabado a escola, já lá estava.

P: Explica-me o que é ser um Operador de Comunicações.

R: Ui...tão difícil isso...uma canseira muito grande...Os operadores de central fazem...atendem o telefone para todo o tipo de socorro, desde acidentes, súbitas, incêndios urbanos, incêndios florestais, ali cai tudo, desde telefonemas, as comunicações rádio e nós ouvimos e depois temos que decidir o tipo de meio que vamos mandar para qualquer tipo de ocorrências, que não vou estar a mandar para uma súbita, um carro de fogo porque a mulher está a...

P: E és tu que decides isso?

R: Sim, juntamente com o adjunto, mas geralmente quando isso acontece, eu já tenho isso tudo decidido, eu vou ter com o adjunto e digo o que se passa para ele, para os carros saírem.

P: Somente para confirmar. E tens ideia de, mais ou menos, quantos telefonemas por dia é que recibes?

R: Conforme...há dia que se calhar o telefone toca duas vezes, há dias que toca para aí umas 50, 100.

P: Agora nesta altura deve haver mais telefonemas por causa dos incêndios.

R: Sim, agora está sempre a tocar.

P: Então agora não tens descanso!

R: Tenho. Agora tenho porque estou de férias, uma semaninha agora de férias, acaba hoje.

P: A que área pertencem os bombeiros?

R: Aquilo é uma associação sem fins lucrativos é...aquilo é um meio público/privado porque pronto tem lá...porque a câmara também dá subsídios, é público/privado mas está dentro da proteção civil porque é um agente da proteção civil, aquilo pertence à proteção civil fazemos todos os serviços que têm a ver com proteção civil.

P: E qual é o teu rendimento mensal?

R: O ordenado mínimo, agora são 515 euros mas depois faço 3 h a mais que também são pagas. Mas só que dá ma média de 650 euros por mês só que se eu tiver de férias, esse valor já não é o mesmo porque já não estou a trabalhar, é mais baixo por exemplo este mês vai rondar os 500 euros, 520, não passa disso.

P: E o rendimento do agregado familiar? O teu e o da tua namorada?

R: Dá pr` aí 1000, 1500 euros, os dois.

P: Já me disseste que fizeste o 12.º ano. Então depois de terminares o 9.º ano...

R: Não terminei o 9.º ano na escola, eu quando saí ainda estava a acabar o 9.º ano. Faltava-me m mês pra acabar e eu saí da escola e depois o André foi para o meu lugar. Faltava-me um ou dois meses para acabar o 9.º ano e tive a oferta de trabalho onde estou agora e então eu decidi sair da escola e fui trabalhar, depois apareceu a oportunidade de fazer o 9.º anonas novas oportunidades e decidi fazê-lo e agora apareceu-me a oportunidade de fazer o 12.º ano para aí há dois meses

P: E pretendes frequentar a Universidade?

R: A minha namorada já me disse para eu ir, mas eu não estou virado para isso. Por enquanto ainda não, mas quem sabe um dia.

P: Que relação mantinhas com a escola?

R: Uma relação...havia dias...outros não...o que custava era mais levantar de manhã, de resto até gostava de lá andar, nós até nos portávamos bem.

P: Então não frequentavas a escola por obrigação!

R: Não, o 9.º ano e o 12.º ano fiz por que quis, ninguém me obrigou a nada.

P: Quantas vezes é que reprovaste na escola?

R: Ora...quantas vezes...boa pergunta...acho que foram duas, uma no 6.º e outra no 7.º, depois juntei-me no curso dos mitras todos e pronto...

P: Neste momento ajudas financeiramente a tua família ou vice-versa?

R: Não, não, graças a Deus.

P: Pensas um dia casar?

R: Sim.

P: E ter filhos?

R: Para aí daqui...para o ano...se calhar.

P: Quantos?

R: Dois.

P: E emigrar?

R: Também já pensei, ela é que não quer ir, por mim já lá estava. Eu já tinha lá trabalho.

P: Para onde?

R: Suíça.

P: Para a hotelaria?

R: Sim, ela é que...as é o que ela diz andou tantos anos a estudar e não vai deitar tudo a perder para ir para lá trabalhar numa área que não é a dela por causa dela não vamos. A minha irmã já lhe disse depois de ela entrar lá com o curso que tem, fartava-se lá de ganhar dinheiro

P: Pode ser que ela ainda mude de ideias.

R: Não, não porque mete os pais dela, mete os meus, porque ela é filha única, s pais já têm uma certa idade e é complicado estar a deixá-los aí sozinhos. A minha mãe lá se desenrasca...

P: E havia assim alguma área em que gostasses e trabalhar?

R: Forças de Segurança. Ainda no Sábado concorri à GNR, era para ir no Sábado fazer as provas que ir para o Porto à última da hora, já não pude ir fazer as provas.

P: Mas ainda podes concorrer?

R: Posso, até aos 27, já tenho 26 por isso para o ano se houver torno a concorrer já estou a ficar velho.

P: Ainda és muito jovem, continua a tentar. Obrigada pela tua participação e espero que consigas entrar para a GNR. Que corra tudo bem!

R: Obrigado professora.

Anexo VII – Transcrição da entrevista n.º 6

Nome: André Idade: 25 anos Habilitações: 9.º ano de escolaridade

Naturalidade: Tarouca Residência: Tarouca

P: Olá, com quem vives neste momento?

R: Mulher e filho.

P: Que idade tem o teu filho?

R: 2 anos.

P: Vivem numa casa alugada?

R: Sim, alugada.

P: Em que área estás a trabalhar?

R: Carpinteiro.

P: Há quanto tempo trabalhas como carpinteiro?

R: Um ano vai fazer um ano mais ou menos.

P: Quando acabaste o 9.º ano foste logo trabalhar ou ainda estiveste algum tempo à espera?

R: Fui logo trabalhar, fui logo para as obras, mas depois saí das obras.

P: Quanto tempo estiveste a trabalhar na construção civil?

R: 4 anos. Estive 2 anos na Suíça.

P: A trabalhar em que área?

R: Na hotelaria e depois saí da Suíça e vim-me embora da Suíça e vim para as obras outra vez e agora estou como carpinteiro.

P: Como se chama a empresa?

R: Artevale.

P: É aqui de Tarouca?

R: Não, Lamego.

P: Que atividades desempenhas? Explica-me em que consiste o teu trabalho.

R: O que é que eu faço? O meu patrão encomenda mobílias e eu só faço montagens.

P: Deslocaste a casa de clientes ou empresas e fazes a montagem dos móveis, é isso?

R: Cozinhas, quartos, móveis, portas tudo o que tem a ver com carpintaria.

P: Que tipo de contrato tens com essa empresa?

R: É anual mesmo.

P: Será contrato a termo certo?

R: Sim, é.

P: Como é que tiveste conhecimento deste trabalho?

R: Foi através a minha irmã e do meu cunhado, eu na altura, quando saí das obras estava sem trabalho falaram-me que o tal patrão atual que tenho e ele veio falar comigo, entretanto comecei a trabalhar.

P: Qual é o teu rendimento mensal?

R: O meu valor mensal são 650 euros, por mês, limpos já, com os descontos.

P: É sempre o mesmo valor ou tens meses que recebes mais?

R: Muito mais, porque eu trabalho uma hora e meia a mais por dia, chega ao fim da semana acumula ao sábado, são 50 euros que me paga pelo Sábado, são mais 50 euros.

P: Então esses 650 euros com horas extras podem chegar até quanto?

R: 950, 980, tudo varia, depende se der as horas todas se não der...

P: É difícil calcular um valor certo, depende das horas extras que fizeres.

R: E depois ainda tenho a renovação que faço nos bombeiros, noites e fins-de-semana, sai à volta mais ou menos de 160 euros, 180 euros, depende das noites que me calharem e dos fins-de-semana.

P: Ok, os 650 euros são certos. E ao nível do rendimento do agregado familiar, o teu rendimento juntamente com o da tua esposa?

R: Então o meu são 650 euros e o da minha mulher são 525 euros.

P: Terminaste o 9.º ano de escolaridade e depois regressaste à escola?

R: Não, não.

P: Pensas em regressar? Não, agora já não, agora é difícil por causa do miúdo, por causa do trabalho, o trabalho que ela tem trabalha na restauração, nunca te hora de saída, depois é também preciso tomar conta do miúdo e tal, em basta quando estou de serviço e tem de a mãe ficar com ele porque não tenho com quem o deixar.

R: Claro, é complicado.

P: Na altura que frequentaste o 9.º ano, que relação mantinhas com a escola? Gostavas de lá andar? Andavas lá porque eras obrigado?

R: Sim, porque era obrigado, nunca gostei de estudar porque tinha que tirar o 9.º ano, era obrigatório não é, senão também não o tirava, tinha saído o mais cedo, quanto possível.

P: Já tinhas reprovado alguma vez?

R: 3 anos.

P: Em que anos?

R: 6.º, 2 anos e 9.º.

P: Na altura concluíste o 9.º ano e saíste da escola, porquê?

R: Porque não queria estudar mais e senti-me na obrigação porque na altura, no ano que deixei de estudar, no ano antes de deixar de estudar, faleceu o meu pai e como a reforma do meu pai já era pequenina e era o sustento da casa...pronto...na altura era o sustento da casa, a minha mãe ficou a receber metade, isto é, ainda hoje o recebe, são 150 euros que é metade da reforma do meu pai e eu senti-me na obrigação para ajudar a minha mãe.

P: Sentiste-te na obrigação de arranjares um trabalho para fazer face às despesas do agregado familiar. Senão terias continuado?

R: Era uma questão de pensar, se calhar até continuaria, se houvesse outro curso para acabar o 12.º ano, mas se calhar era difícil, eu nunca me puxou para os estudos, eu andava lá porque era uma obrigação praticamente.

P: Neste momento, a tua família ajuda-te financeiramente?

R: Graças a deus nem preciso que me ajudem a mim, nem eles precisam que eu os ajude. Neste momento a minha mãe tem lá o meu irmão Marco a viver com ela que é um irmão que casou e ficou lá.

P: E ele ajuda nas despesas de casa?

R: Claro que sim.

P: Se a tua mãe vivesse sozinha, provavelmente terias que a ajudar?

R: É normal, todos os meus irmãos que viviam sozinhos tinham que a ajudar para poder ela sobreviver, senão ela não conseguia sobreviver.

P: E pensas um dia oficializar a tua relação?

R: 7 de Maio.

P: Já tens a data marcada?

R: Para o ano.

P: E pensas ter mais filhos?

R: Ter uma menina, se sair.

P: E emigrar?

R: Não, fora de questão. Se tive lá não gostei, vim-me embora, senão ainda hoje estava lá, não gostei daquilo.

P: E comprar casa?

R: Não.

P: E tens assim alguma área em que gostasses de trabalhar?

R: Não, gosto do que faço, não tenciono...é assim se tivesse que ser obrigado a mudar de trabalho, por falta de trabalho onde estou? Sim.

P: Adaptas bem a qualquer tipo de trabalho?

R: Sim, não tenho problemas em trabalhar em qualquer coisa.

P: É um rapaz desenrascado.

R: Sou, Graças a Deus, tanto a nível de campo, como a nível de obras.

P: E também trabalhas no campo?

R: Agora não, também não tenho tempo, o mal é esse. E tomara eu ter tempo a mais para a mulher e filho.

P: Pois, calculo que sim. Obrigada pela tua colaboração e desejo-te muitas felicidades a ti e à tua família.

R: Obrigado e sempre às ordens!

Anexo VIII – Transcrição da entrevista n.º 7

Nome: Cristiano Idade: 24 anos Habilitações: 6.º ano de escolaridade

Naturalidade: Tarouca Residência: Suíça

P: Vives com quem na Suíça?

R: Sozinho.

P: Qual é a tua profissão?

R: Polivalente no Hotel Ibis.

P: Explica-me que funções desempenhas no hotel?

R: Faço de técnico, reparações de portas, de eletricidade, também estou na louça, faço pequenos-almoços também e limpezas também, limpo o pó, as garagens, mudar de lâmpadas, fechaduras e tudo o que aparece, faço tudo.

P: Há quanto tempo trabalhas nesse hotel?

R: 2 anos e meio.

P: Depois de teres concluído o 6.º ano, foste de imediato para a Suíça?

R: Ainda fiquei cá algum tempo e depois fui.

P: E em Portugal trabalhaste em alguma área?

R: Trabalhei no campo e depois saí daqui em 2007.

P: Qual foi o teu primeiro trabalho na Suíça?

R: O primeiro ano e meio andei a estudar para aprender o Francês, era para tirar uma profissão que eu queria fazer mais tarde na vida, só que decidi por sair da escola e então comecei a trabalhar na agricultura.

P: E o que é que fazias mais concretamente?

R: Plantações de tudo, plantação de legumes e também colhemos depois as coisas.

P: Mas trabalhavas para quem?

R: Para um senhor que tinha uma empresa em legumes.

P: E durante quanto tempo trabalhaste para esse senhor?

R: Estive lá um ano e meio também. Depois saí e fui trabalhar 6 meses para jardins, fazíamos...cortar relva, apanhámos folhas, também metíamos paralelos em casas privadas e tive lá seis meses em jardins e depois eu estive um ano e seis meses num restaurante.

P: E que funções desempenhavas no restaurante?

R: Servia à mesa e também estava no bar.

P: E depois do restaurante é que foste para o hotel?

R: Sim, depois disso fui para o hotel.

P: Onde já estás há 2 anos e meio.

R: Oui, isso mesmo.

P: Como é que tiveste conhecimento desse trabalho?

R: Do hotel Ibis fui eu que pensei que podia mandar por internet o meu currículo para hotéis, 1 a 50% e outro a 100%, porque aquele 50% não dava.

P: Então nenhum dos teus irmãos trabalhava nesse hotel onde te encontras agora?

R: Não, os meus irmãos trabalharam sempre em jardins.

P: Pensei que estivesses nesse hotel por referência dos teus irmãos.

R: Todo o trabalho, procurei eu sozinho.

P: Qual o rendimento mensal do teu trabalho?

R: São 3500 francos brutos, portanto em euros deve dar 3100, 3200 euros.

P: O facto de teres estado a estudar um ano e meio a língua francesa deu-te equivalência a algum ano?

R: Não, aquilo era uma escola para os emigrantes aprenderem a língua de lá e depois dali é que escolhíamos a profissão que queríamos seguir.

P: Então ficaste apenas com o 6.º ano.

R: Oui.

P: Na altura que frequentavas a escola, gostavas de lá andar?

R: Gostava de andar, só que chegava a um ponto que ficava cheio da escola.

P: Não tinhas vontade de lá andar?

R: Depois também com a minha situação era um bocado complicado.

P: Pois, eu recordo-me que na altura tinhas conflitos com o teu pai.

R: Mas gostavas de conviver com os teus colegas?

P: Sim, gostava e a minha melhor amiga e que foi sempre que posso ir lá a ela foi a Elsa. Ela era uma pessoa muito tímida, mas depois lá apanhei o conhecimento e depois ela ficou colada muito a mim e ficamos amigos.

P: E lembraste de quantas vezes reprovaste?

R: Acho eu que reprovei para aí umas duas vezes, duas ou três, na escola toda que eu fiz.

P: E tens ideia em que anos é que isso aconteceu?

R: Sei que foi na 3.ª e 4.ª classe e ali no 5.º ano, oui.

P: Porque é que não com continuaste para o 9.º ano como os teus colegas?

R: Eu saí porque já estava previsto de ir para a Suíça, eu já tinha a minha irmã que me tinha chamado para ir para a Suíça e tive essa oportunidade de ir para a Suíça.

P: No fundo querias sair de casa e arranjar trabalho, já estavas cansado da relação conflituosa com o teu pai.

R: Sim, queria mudar de vida.

P: Se o ambiente familiar fosse mais harmonioso, se calhar tinhas continuado.

R: Sim, se calhar podia ter continuado e hoje podia cá estar, mas naquela altura não dava.

P: Tu ajudas financeiramente o teu pai?

R: Não.

P: E ele ajuda-te?

R: Não, desde que fui para a Suíça também nunca me ligou, nem o segundo dia quando lá cheguei à Suíça, se fosse outro pai ligava e ao mais ele tinha meu número, podia ligar a ver se eu tinha chegado bem, mas não quis.

P: E os teus irmãos?

R: Os meus irmãos, na altura que a minha irmã me levou, ajudou-me, pagava-me tudo ela do bolso dela, tinha outro irmão que também me dava dinheiro para pagar as minhas despesas.

P: Pensas em casar?

R: Penso, mas eu acho que ainda é cedo.

P: E ter filhos?

R: Oui, pelo menos dois.

P: E regressar a Portugal?

R: Oui, gostava de fazer cá uma casa, para vir para cá morar.

P: E de regressar à escola?

R: Não, escola não, o que já foi, foi, agora é trabalhar e guardar dinheiro para um dia fazer aqui uma casa.

P: E há uma área em que gostasses de trabalhar?

R: Gosto de fazer o que faço, se eu até à reforma conseguir lá ficar, fico lá, sinto-me lá bem, como se fosse a minha casa.

Anexo XIX – Transcrição da entrevista n.º 8

Nome: Mónica Idade: 24 anos Habilitações: 9.º ano de escolaridade

Naturalidade: Tarouca Residência: Tarouca

P: Com quem vives?

R: Vivo com os meus pais.

P: Estás a trabalhar?

R: Não, já estive, agora estou desempregada.

P: Há quanto tempo?

R: Há 2 anos.

P: Em que área trabalhavas?

R: Trabalhava na Pizzaria do Prado.

P: Há quanto tempo trabalhavas lá?

R: Desde que terminei o 9.º ano.

P: Então trabalhaste sempre no mesmo local?

R: Sim, professora.

P: Que funções desempenhavas na Pizzaria?

R: Era copeira, lavava a loiça do restaurante e quando era preciso, também servia às mesas.

P: Que tipo de contrato tinhas com a entidade patronal?

R: Já era efetiva, mas as coisas começaram a correr mal, não havia clientes e o patrão teve que me mandar embora.

P: Como é que tiveste conhecimento deste trabalho?

R: Foi através do meu pai, porque os donos da Pizzaria são os nossos senhorios e o meu pai falou com o senhorio para ver se estava a precisar de alguém para o restaurante, ele disse que sim e lá fui eu trabalhar para lá.

P: Qual era o valor do teu rendimento mensal?

R: Era o ordenado mínimo.

P: E tens ideia de qual era o rendimento mensal do agregado familiar, ou seja, o teu ordenado juntamente com o dos teus pais?

R: Isso não sei professora.

P: Depois de concluíres o 9.º ano, voltaste a regressar à escola?

R: Não.

P: Que tipo de relação mantinhas com a escola?

R: Eu acho que era boa, eu tinha que fazer ao menos o 9.º ano.

P: Relacionavas-te bem com os teus colegas?

R: Isso sim, até tinha uma relação boa com os colegas.

P: Tens ideia de quantas vezes reprovaste?

R: No 5.º e no 8.º ano.

P: Porque é que saíste da escola quando completaste o 9.º ano de escolaridade?

R: Para ter o meu dinheiro, sem pedir aos meus pais.

P: Neste momento, a tua família ajuda-te financeiramente?

R: Agora que estou desempregada, sim. Mas quando trabalhava, era eu que ajudava os meus pais e o meu namorado. Dava 150 euros todos os meses aos meus pais e 200 euros quando recebia os subsídios, para ajudar nas despesas gerais.

Eles não queriam receber, mas eu sentia-me na obrigação, eu tivesse numa casa minha, também tinha que pagar renda e as despesas gerais e os meus pais já fizeram muito por mim.

P: E pensas em regressar à escola?

R: Não, a escola está posta de lado.

P: Em que área gostarias de trabalhar?

R: Gostava de arranjar trabalho na área do nosso curso.

P: Gostavas de trabalhar com crianças?

R: Sim, numa creche ou assim.

P: E casar?

R: Sim, casar e ter filhos, no máximo 3. O meu namorado queria ter 4 filhos, mas já pensou melhor e reduziu 3.

P: E gostavas de morar em Tarouca?

R: Sim, gostava de comprar uma casa em Tarouca, vamos lá ver.

P: Espero que consigas atingir todos os teus objetivos e obrigada pela tua participação.

R: Obrigada eu professora, apareça mais vezes.

Anexo X – Transcrição da entrevista n.º 9

Nome: Carla Idade: 23 anos Habilitações: 9.º ano de escolaridade

Naturalidade: Tarouca Residência: Suíça

P: Neste momento, com quem vives?

R: Vivo com os meus pais.

P: Então não és casada, nem tens filhos?

R: Não, tenho namorado.

P: Estás a trabalhar?

R: Sim, trabalho numa loja de roupa a fazer limpeza e num restaurante.

P: Há quanto tempo?

R: Comecei este ano em Janeiro.

P: Somente fazes limpeza nesses dois locais?

R: Sim, só limpeza.

P: Que tipo de contrato tens com a tua entidade patronal?

R: Contrato indeterminado.

P: E antes deste trabalho o que fazias?

R: Trabalhava na apanha da maçã e na vinha.

P: Durante quanto tempo trabalhaste no campo?

R: Três anos.

Como é que tiveste conhecimentos destes trabalhos?

R: Através dos meus pais.

P: Qual o valor do teu rendimento mensal?

R: 3000 francos.

P: Tens ideia do valor em euros?

R: Deve dar uns 2700 euros.

P: Após ter completado o 9.º ano de escolaridade, voltaste à escola?

R: Não.

P: E pensas em regressar?

R: Nem pensar.

P: Que tipo de relação mantinhas com a escola?

R: Não gostava de lá andar, mas tinha que ser, era obrigada.

P: Tens ideia de quantas vezes reprovaste de ano?

R: Reprovi no 3.º e no 6.º ano.

P: Quais os motivos que te levaram a sair da escola?

R: Saí da escola porque quis trabalhar, ganhar dinheiro.

P: Neste momento, a tua família ajuda-te financeiramente?

R: Os meus pais ajudam-me se eu precisar.

P: Uma vez que tens namorado, pensas em casar, ter filhos?

R: Sim, penso em casar e em ter filhos.

P: E voltar para Portugal?

R: Por enquanto não, mas quem sabe um dia.

P: E gostavas de trabalhar numa área diferente daquela em que estás agora?

R: Não, gosto daquilo que faço.

P: Obrigada pela tua colaboração.

R: De nada.

Anexo XI – Transcrição da entrevista n.º 10

Nome: Tiago Idade: 26 anos Habilitações: 9.º ano de escolaridade

Naturalidade: Mondim da Beira (Tarouca) Residência: Suíça

P: Neste momento, com quem vives?

R: Vivo sozinho.

P: Estás a trabalhar?

R: Sim.

P: Em que área?

R: Estou a trabalhar numa empresa de alcatrão na Suíça.

P: O que fazes especificamente?

R: Comecei por fazer o manual ajudava os outros e assim, passado algum tempo fiz dois cursos de maquinista e agora ando com as máquinas, metemos alcatrão nas estradas e fazemos entradas de casas.

P: Que tipo de contrato tens com essa empresa?

R: Estou efetivo.

P: Como é que tiveste conhecimento desse trabalho?

R: Foi através de um amigo meu, que já trabalhava na empresa.

P: Qual é o teu rendimento mensal?

R: 4950 euros limpos por mês, o câmbio para euros agora está bom.

P: Quando terminaste o 9.º ano foste logo para a Suíça?

R: Não, quando acabei o 9.º ano estive dois anos a trabalhar em Aveiro nas obras, depois fui para a Suíça.

P: Chegaste a fazer o 12.º ano?

R: Não.

P: E gostavas de regressar à escola?

R: Não, nem pensar.

P: Porquê?

R: Porque eu nunca gostei de estudar e não tenho paciência nenhuma para andar na escola.

P: Na altura que saíste da escola porque é que o fizeste?

R: Isso tem vários motivos, eu não gostava da escola e agora digo que não há nada melhor como nós conseguirmos ser independentes.

P: Tinhas reprovado algum ano?

R: No 6.º e no 8.º ano.

P: Dependes financeiramente dos teus pais?

R: Não.

P: E ajudas financeiramente os teus pais?

R: Sim, ajudo os meus pais quando eles precisam.

P: Pensas um dia constituir família?

R: Sim, quero casar e ter filhos, mas ainda é cedo.

P: Queres comprar casa em Tarouca ou ficar na Suíça?

R: Por enquanto estar na Suíça é o melhor e ficar na Suíça para sempre, ainda é cedo para o dizer.

Anexo XII – Transcrição da entrevista n.º 11

Nome: Sónia Idade: 26 anos Habilitações: 6.º ano de escolaridade

Naturalidade: Pinheiro (Tarouca) Residência: Regensdorf

P: Neste momento, com quem vives?

R: Com o meu marido.

P: Casaste?

R: Casei, mas não tenho filhos.

P: E gostavas de ser mãe?

R: Sim, mas daqui a algum tempo, pois eu agora não me sinto pronta para ser mãe.

P: Estás a trabalhar?

R: Sim, na Suíça.

P: E o que fazes?

R: Sou cozinheira num Hotel.

P: O teu marido trabalha contigo?

R: Sim, é o meu chefe, ele é alemão.

P: E como conseguiste arranjar esse trabalho na Suíça?

R: Foi através do meu irmão que já lá estava a trabalhar. Mas este trabalho onde estou agora foi através do meu marido, eu comecei por ser ajudante de cozinha.

P: Que contrato tens com o Hotel?

R: Estou efetiva.

P: Posso saber quanto ganhas por mês?

R: Eu por mês estou a ganhar 2000 euros, já com tudo pago.

P: E o teu marido?

R: Ele ganha quase 5000 euros por mês.

P: Na altura que frequentavas o curso, porque não completaste o 9.º ano?

R: Tive que ir trabalhar.

P: Porquê?

R: Porque senti-me na obrigação de ajudar os meus pais.

P: Os teus pais concordaram com a decisão de saíres da escola?

R: O meu pai não queria que fôssemos para a escola, preferia que fôssemos trabalhar para a Suíça, para junto do nosso irmão.

P: O pouco tempo que lá estiveste no curso, gostaste?

R: Nem por isso, não gostava muito da turma.

P: Porquê?

R: Havia lá colegas muito parvos e metiam-se comigo e com a minha irmã.

P: E gostavas dos professores?

R: Sim, eram simpáticos comigo e sempre ajudaram a minha irmã.

P: Gostavas de voltar à escola?

R: Sim, se calhar...tenho que ver o que posso fazer.

P: Quantas vezes reprovaste?

R: Duas, uma no 5.º e outra no 6.º.

P: Ajudas financeiramente a tua família?

R: Sim, ajudo os meus pais e a minha irmã Gina que está numa cadeira de rodas.

P: Gostavas de um dia regressar ao teu país ou pensas ficar pela Suíça?

R: Não, eu ficar na Suíça não fico, quero voltar um dia para Portugal.

P: Então gostavas de comprar casa?

R: Sim, um dia quem sabe.

P: E em relação à tua profissão, gostas de continuar a ser cozinheira ou gostavas de trabalhar noutra área?

R: Gostava de um dia trabalhar como cabeleireira.

P: Obrigada pela tua participação, desejo-te muitas felicidades.

R: Obrigada professora, gostei muito de a ver.

Anexo XIII – Transcrição da entrevista n.º 12

Nome: Domingos Idade: 23 anos Habilitações: 6.º ano de escolaridade

Naturalidade: Tarouca Residência: Resende

P: Com quem vives?

R: Com a minha mulher e dois filhos

P: Que idade têm os teus filhos?

R: Um tem cinco anos, mas é filho da minha mulher com outro homem e um com três anos que é filho de nós os dois.

P: Vives com os teus sogros?

R: Não, vivo numa casa alugada.

P: Neste momento estás a trabalhar?

R: Trabalho na apanha da fruta e nas lenhas Cardoso... trabalho dois dias e descanso o resto da semana, já estive preso por posse de droga a minha mulher não trabalha.

P: Mas a apanha da fruta não é uma atividade que desempenhes todos os meses?

R: Não, mas quando não tenho trabalho na fruta, vou trabalhar para as lenhas.

P: E tens algum tipo de contrato nessas duas atividades?

R: Não, nada...

P: E isso não te preocupa?

R: Não.

P: Como é que tiveste conhecimento destas atividades?

R: Foi através dos meus irmãos que também apanham fruta e trabalham na lenha.

P: Há quanto tempo trabalhas nas lenhas Cardoso?

R: Desde sempre.

P: E qual é o valor do teu rendimento mensal?

R: Sei lá eu...depende...umas vezes vou trabalhar mais dias e recebo mais e outros dias não vou trabalhar, porque não me apetece.

P: E o valor do teu rendimento mensal e o da tua companheira?

R: Depende das horas que dermos.

P: Não tens mais ou menos uma ideia de um valor aproximado?

R: Uns 400, 500 euros.

P: Na altura que pertenceste à turma PIEF, acabaste por ser expulso da escola e foi-te dada a oportunidade para concluíres o 6.º ano fora da escola. Ainda te lembras o que aconteceu?

R: Andei a fazer uns trabalhos para a Câmara e acabei o 6.º ano. Eu fui expulso porque tentei-lhe bater.

P: Pois foi. Não sei o que te passou pela cabeça na altura, mas felizmente ficou tudo bem.

R: Eu passei-me consigo porque a senhora foi-se chibar ao Diretor numa cena que eu tinha feito e eu não gostei.

Entrevistador: Pois, mas isso não era motivo para tentares-me agredir. Eu estava, apenas, a fazer o meu trabalho.

Entrevistado: Mas você andava sempre atrás de nós, parecia a polícia...

Entrevistador: Tens que compreender que era o meu trabalho.

P: Gostavas de andar na escola?

Entrevistador: Não gostava das aulas, nem dos profs, mas gostava do recreio.

P: Reprovaste alguma vez?

R: Sim, na 3ª e na 4ª classe.

P: Após teres concluído o 6.º ano de escolaridade, porque é que saíste da escola?

R: Porque já estava farto de aturar os profs

P: E começaste logo a trabalhar?

R: Eu já trabalhava para o Cardoso.

P: A tua família ajuda-te financeiramente?

R: Nem para eles têm...

P: Gostavas de um dia regressar à escola?

R: Acha que sim? Nem pensar.

P: E emigrar?

R: Não, gosto de morar em Resende, lá a bófia não me chateia.

P: Obrigada pela tua colaboração.

R: Desculpe lá, qualquer coisinha.

Anexo XIV – Transcrição da entrevista n.º 13

Nome: Rita Idade: 27 anos Habilitações: 6.º ano de escolaridade

Naturalidade: Pinheiro (Tarouca) Residência: Regensdorf

P: Olá, com quem vives neste momento?

R: Sozinha.

P: Pensei que morasses com um dos teus irmãos.

R: Não, eles têm a família deles.

P: Vives numa casa alugada?

R: Não, aluguei um quarto.

P: Em que área estás a trabalhar?

R: Estou a trabalhar num hotel, na Suíça.

P: Há quanto tempo trabalhas nesse hotel?

R: Desde que saí da escola e fui para a Suíça.

P: Então quando acabaste o 6.º ano foste logo trabalhar para esse hotel ou ainda estiveste algum tempo à espera?

R: Fui logo trabalhar para o hotel, foi o meu irmão que me arranjou este trabalho, a mim e à minha irmã.

P: Então já trabalhas nesse hotel há muitos anos.

R: Sim.

P: Como se chama o hotel?

R: Hotel Schweizerhaus.

P: Que profissão desempenhas?

R: Sou ajudante de cozinha.

P: Que atividades desempenhas?

R: Faço um bocadinho de tudo, lavo a loiça, faço limpeza, ajudo nos pequenos-almoços.

P: Que tipo de contrato tens com essa empresa?

R: Estou efetiva.

P: Qual é o teu rendimento mensal?

R: É mais ou menos 1500 euros limpos.

P: Terminaste o 6.º ano de escolaridade e depois regressaste à escola?

R: Não, estive sempre a trabalhar.

P: Pensas em regressar?

R: Não.

P: Na altura que frequentaste o 6.º ano, que relação mantinhas com a escola? Gostavas de lá andar? Andavas lá porque eras obrigada?

R: Fui para a escola para fazer o 6.º ano e porque as senhoras foram falar com os meus pais para tirar o curso e porque tínhamos ajudas, mas o meu pai não queria muito.

P: O teu pai não queria que fosses para a escola?

R: Não, ele queria que eu e a minha irmã fôssemos trabalhar com o meu irmão para a Suíça.

P: E tu preferias ter ficado a estudar ou ter ido para a Suíça?

R: Foi melhor ir trabalhar para a Suíça e assim podíamos ajudar a minha irmã Gina que está numa cadeira de rodas.

P: Então quiseste ir trabalhar para a Suíça para ajudar a tua família?

R: Sim.

P: Já tinhas reprovado alguma vez?

R: Sim.

P: Em que anos?

R: 3.º e 4.º ano.

P: Neste momento, ajudas financeiramente a tua família?

R: Sim.

P: E pensas voltar a casar?

R: Por agora, nem pensar.

P: E comprar casa?

R: Sim, gostava de comprar casa aqui em Tarouca.

P: E tens assim alguma área em que gostasses de trabalhar?

R: Gostava de ser cabeleireira.

P: Então tu e a tua irmã Sónia podia abrir um salão de cabeleireiro em Tarouca.

R: Era giro.

P: Pois, calculo que sim. Obrigada pela tua colaboração e desejo-te muitas felicidades a ti e à tua família.

R: Obrigada professora, gostei muito de a ver.

Anexo XV – Transcrição da entrevista n.º 14

Nome: Sandra Idade: 24 anos Habilitações: 12.º ano de escolaridade

Naturalidade: Tarouca Residência: Tarouca

P: Neste momento, com quem vives?

R: Com os meus pais.

P: Viveste sempre com os teus pais ou já saíste de casa?

R: Saí de casa quando fui trabalhar para Inglaterra.

P: Estiveste lá quanto tempo?

R: Da primeira vez estive lá cinco meses e depois regresssei.

P: E quanto tempo estiveste em Portugal?

R: Estive cá um ano e depois regresssei a Inglaterra.

P: E estiveste lá quanto tempo?

R: Da segunda vez estive lá só três meses.

P: O que aconteceu? Não gostaste de Inglaterra?

R: Tive uma má experiência no trabalho, mas não quero falar disso, é uma coisa muito pessoal.

P: Claro, eu compreendo. Onde trabalhavas?

R: Num hotel.

P: E da primeira vez?

R: Também num hotel.

P: Como tiveste conhecimento desse trabalho?

R: Foi através da escola de hotelaria.

P: Frequentaste a escola de hotelaria de Lamego?

R: Sim, foi lá que tirei o 12.º ano. Conhece?

P: Sim, conheço perfeitamente. Tenho lá alguns amigos a dar aulas.

R: Conhece o professor Marco Rica?

P: Sim, conheço. Foi teu professor?

R: Sim, gostei muito de ter aulas com ele.

P: E que curso frequentaste?

R: Fiz gestão hoteleira, com especialização em alojamento.

P: E gostaste de frequentar o curso? Era isso que querias?

R: Sim, gostei muito, apesar de já estar farta de estudar.

P: E depois dessa experiência em Inglaterra, trabalhaste em mais algum sítio?

R: Não, depois estive em casa algum tempo e agora estou a trabalhar num hotel, perto de casa dos meus pais.

P: Há quanto tempo?

R: Desde Maio.

P: Como conseguiste o trabalho neste hotel?

R: Fui lá entregar o meu currículo e depois chamaram-me para uma entrevista e acabei por ficar.

P: E o que é que fazes?

R: Pois...o hotel ainda não abriu oficialmente, ainda está em obras mas eu já tenho um contrato de três anos.

P: E que funções vais desempenhar?

R: Para já estou como empregada de quartos, porque queriam nível 6 e eu só tenho o nível 5.

P: E não ponderaste tirar o nível 6?

R: Ainda pensei nisso, mas a escola de hotelaria é muito cara e os meus pais já pagaram muito durante os 4 anos que lá estive, agora tenho que trabalhar para ganhar dinheiro.

P: E qual é o teu valor mensal?

R: Ganho o ordenado mínimo, mais o subsídio de alimentação.

P: Desse ordenado, ajudas os teus pais nas despesas de casa?

R: Não, eles não aceitam nada

P: Então acabas por colocar algum dinheiro de parte?

R: Sim, estar em casa dos pais é bom nesse sentido, para juntar dinheiro para uma casa minha.

P: Então faz parte dos teus planos, comprar uma casa.

R: Sim, eu gostava.

P: E ter filhos?

R: Isso nem pensar...nem namorado tenho!

P: Quais são os teus planos de momento?

R: Eu agora gostava de viajar pela Europa.

P: Que países tens em mente?

R: Todos.

P: Parece-me bem. E voltar a estudar? Quem sabe ir para a Universidade?

R: Não, nem pensar.

P: Lembraste de quantos vezes reprovaste na escola?
R: Reprovei no 4.º e no 8.º ano.
P: Tencionas ficar em Tarouca a trabalhar?
R: Não, gostava de ir trabalhar para a Suíça, lá ganhasse mais.
P: E já tentaste?
R: Não, mas ando a pensar nisso.
P: E queres continuar a trabalhar em hotelaria?
R: Sim, foi para isso que tirei o curso.
P: Desejo que consigas por em prática todas as metas que traçaste e espero ver-te numa próxima! Tudo de bom!
R: Foi bom conversar contigo! Até breve!

Anexo XVI – Transcrição da entrevista n.º 15

Nome: José Idade: 26 anos Habilitações: 9º ano de escolaridade
Naturalidade: Tarouca Residência: Lisboa

P: Neste momento, com quem vives?
R: Com a minha mulher e com a minha filha.
P: Como se chama a tua filha?
R: Maria.
P: Que lindo nome. E que idade tem?
R: Dois anos.
P: A tua mulher encontra-se a trabalhar?
R: Sim.
P: Em que área?
R: Serviços de limpeza.
P: E tem contrato?
R: Neste momento não.
P: E tu estás a trabalhar?
R: Sim.
P: Em que área?
R: Trabalho nas obras.
P: Trabalhas por conta própria ou trabalhas para alguma empresa?
R: É mais ou menos isso, trabalho para uma empresa.

P: E quais são as funções que desempenhas?

R: Pedreiro, carpinteiro, faço um bocadinho de tudo.

P: Tens contrato com a tua empresa?

R: Não, não quero contrato.

P: Por que motivo? Imagina que acontece alguma coisa, um acidente de trabalho?

R: Mas a gente tem seguro.

P: Mas porque é que não queres ter contrato?

R: Porquê? Por causa das finanças.

P: Como é que tiveste conhecimento desse trabalho?

R: O patrão é meu amigo.

P: Esse teu amigo também é de Tarouca?

R: É, é.

P: E qual é o teu rendimento mensal?

R: Anda à volta de 1200 euros por mês.

P: Recebes sempre o mesmo valor?

R: É 1000, 1200.

P: E qual é o valor do teu rendimento, juntamente com o da tua mulher?

R: Para aí 1800.

P: E gostavas de voltar a estudar?

R: Gostava, gostava, ainda andei a estudar de noite...fui lá uma semana, mas depois olhe...

P: Na escola de Tarouca?

R: Sim, mas depois uma pessoa chegava cansada a casa e depois acabei por, não acabar.

P: Então não continuaste a estudar porque trabalhavas e estudavas em simultâneo.

R: Exato.

P: Mas tinhas intenção de concluíres o 12.º ano?

R: Sim, sim.

P: Na altura que frequentavas a escola, qual era a tua relação com ela?

R: Eu gostava de ir para a escola, não gostava era da escola.

P: Ou seja, gostavas de tudo o que envolvia a escola, menos de estudar.

R: É isso mesmo.

P: E gostavas da tua turma?
R: Sim, não era má de todo.
P: E porque é que saíste da escola?
R: Porque tinha que trabalhar para juntar dinheiro.
P: Sair da escola foi uma decisão tua?
R: Sim, foi uma decisão minha.
P: E os teus pais apoiaram-te nessa decisão?
R: Sim, quer dizer... não apoiaram, eles queriam que eu continuasse a estudar.
P: E querias ganhar dinheiro para quê especificamente?
R: Para construir vida, para comprar casa, para comprar carro.
P: Pensavas casar? Ter filhos?
R: Pensar em casar, não. Pensava em juntar dinheiro para fazer vida.
P: Quando saíste da escola, foste trabalhar para onde?
R: Fui para as obras.
P: Através de quem?
R: Através de um amigo também.
P: Durante quanto tempo?
R: Ainda estive um ano e meio.
P: E depois disso?
R: Depois disso, fui trabalhar para o meu pai.
P: E em que área trabalhava o teu pai?
R: Trabalhava em madeiras.
P: Por conta própria?
R: Sim, sim.
P: Durante quanto tempo?
R: Fui trabalhar para ele mais um ano.
P: E depois?
R: Depois entretanto fui para França.
P: Trabalhar em que área?
R: Para as obras, estive lá três meses.
P: Não gostaste?
R: Não, foi uma experiência.
P: Tinhas contrato?
R: Tinha, tinha.

P: E depois?

R: Depois vim e fui trabalhar para o Alentejo. Não, fui trabalhar para o meu pai.

P: Durante quanto tempo?

R: Sei lá, três ou quatro meses.

P: E a seguir?

R: Depois fui trabalhar para o Alentejo, mais seis meses para as obras.

P: E depois?

R: Depois fui outra vez trabalhar para o meu pai, mais um ano e tal, dois para aí mais ou menos.

P: E quando deixaste de trabalhar para o teu pai?

R: Depois fui trabalhar para o hospital de Lamego, andei lá quinze dias.

P: Alguma coisa correu mal?

R: Não, não, tive uma proposta para ir para a Suíça.

P: Durante quanto tempo?

R: Seis meses também.

P: Com contrato?

R: Sim.

P: E foste trabalhar em que área?

R: Aí já fui para um hotel.

P: E o que fazias no hotel?

R: Estava na cozinha

P: Eras ajudante de cozinha?

R: Exatamente.

P: E gostaste da experiência?

R: Sim, gostava de lá voltar.

P: E porque é que regressaste a Portugal? Acabou o contrato?

R: Sim, acabou o contrato e na altura eu vinha de férias e cheguei cá a Portugal e já não quis ir mais e, fiquei por cá.

P: E nisto tudo, quando é que conheces a tua mulher?

R: Ah! Espere aí, calma. Depois vim trabalhar outra vez para o meu pai até há três anos atrás. Pronto, até aí...depois conheci a minha mulher lá em Lamego.

P: A tua mulher é de Lamego?

R: Não, ela é de Lisboa, mas na altura estava a viver lá em cima.

P: Depois conheci entretanto, entretanto engravidou, tivemos a miúda e viemos para Lisboa.

P: E chegaste a casar com a tua mulher?

R: Não, não, só estamos juntos. Se isto der mal, ai cada um para o seu canto e acabou.

P: E compraste casa em Lisboa ou moras numa casa alugada?

R: É alugada, é um apartamento.

P: A tua família ajuda-te financeiramente?

R: Não, porque eu também não peço. Não peço, nem preciso.

P: Mas se por qualquer motivo tu precisasses, eles ajudavam-te?

R: Sim, sim, se eu precisasse, eles ajudavam-me.

P: Gostavas de trabalhar numa outra área?

R: Isso se me saísse o euromilhões, deixava de trabalhar! A minha área é mesmo manobrar máquinas. Há um ano e meio stive na Alemanha a trabalhar com máquinas e estive lá três meses a trabalhar com as máquinas, entretantoouve lá umas coisas com o patrão e nós tivemos que vir embora, depois fiquei aqui e fui trabalhar para uma firma também com máquinas

P: E é de trabalhar com máquinas que tu gostas?

R: Exatamente.

P: O que é que fazes com as máquinas mais concretamente?

R: Terraplanagem, escavações...

P: Gostavas de voltar a emigrar?

R: Depende, se houver uma proposta para mim e para a minha mulher e possa levar a miúda. Se for agora é para a Suíça outra vez.

P: De todos os países por onde já passaste, preferias trabalhar na Suíça?

R: Exatamente. É o que digo, às vezes depende de números, depende de propostas, depende de condições. É assim, se me oferecerem um contrato bom, uma proposta boa, mas mesmo só no caso de as poder levar, senão não vou. Se for para ir sozinho, não vou.

P: Pensas um dia casar?

R: É assim, por agora não, porque é assim, a gente está bem, ter um papel assinado ou não ter, acho que às vezes as pessoas terem esse papel assinado ainda é pior, às vezes sem papel dão-se muito bem, depois quando assinam o papel já é uma confusão. Não é isso que nos traz a felicidade.

P: Gostavas de voltar a estudar e completares o 12.º ano?

R: Não, acho que já não voltava, já não tenho paciência para isso.

P: Que escolaridade tem a tua mulher?

R: Também tem o 9.º ano. Agora é a minha filha que tem que estudar. Enquanto ela quiser e eu puder, ela vai ter que estudar até ao fim. Já que pai não foi nada ao menos que ela seja. Não ser nada entre aspas. Às vezes, amigos meus dizem-me porque é que não estudaste. Nem todos podemos ser doutores, senão não havia casas, não havia nada e falando em casas, falamos noutras coisas que é mesmo assim, a vida não é feita de doutores e engenheiros. Às vezes sabemos mais nós, do que eles...Eu penso que ela vai ser alguém. A vida aqui em Lisboa é mais cara, mas também há mais oportunidades. Os meus pais agora estão a estudar o meu irmão.

P: Que idade tem o teu irmão?

R: Dezasseis anos.

P: Mas está tudo bem com ele? Ele está a estudar em Tarouca?

R: Não, não, o meu pai foi obrigado a tirá-lo de lá. Ele já se andava a portar mal lá na escola, estava a apanhar maus vícios. Já sabe como é a escola de Tarouca, né.

P: Sim, infelizmente é verdade. E para que escola foi transferido?

R: Está em Lamego, no Latino Coelho.

P: Então foi para uma boa escola.

R: A minha mãe diz que aquilo está bom e o meu irmão gosta de lá andar, agora não sei também já não vou lá há algum tempo não sei como é que aquilo está por lá. Mas acho que foi uma boa opção de ele ir para lá. Já está o 12.º ou 11.º, uma coisa qualquer. Quer ir para a tropa, quer seguir a tropa.

P: Já tem tudo decidido.

R: Eu quando saí da escola ainda podia ter concorrido à PSP, ainda só pediam o 9.º ano eu inscrevi-me nos comandos fui chamado três vezes para a tropa, mas eu é que desisti, estava à espera que me chamassem e nunca mais chamavam e depois na altura fiz a sociedade com o meu pai.

P: Mas o que é que correu mal?

R: Feitios, eu e o meu pai sempre fomos assim, chocávamos muito Eu e ele volta e meia estávamos bem, volta e meia estávamos a discutir sempre fomos

assim, depois se ele dizia que estava mal, eu dizia que estava bem, feitos...é muito complicado. Mas pronto, a gente fala-se.

P: Espero que essa situação se resolva pelo melhor. Obrigada pela tua colaboração.

R: De nada professora. Sempre que precisar, o meu telemóvel está ligado 24h.